



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
PERNAMBUCO – *CAMPUS* RECIFE  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE MEIO AMBIENTE, SAÚDE E  
SEGURANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ANA CLAUDIA DA SILVA

**TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS DO LUGAR: um olhar sobre a Vila da  
Fábrica, Camaragibe/PE**

Recife

2019

ANA CLAUDIA DA SILVA

**TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS DO LUGAR: um olhar sobre a Vila da  
Fábrica, Camaragibe/PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em Geografia do  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia de Pernambuco – *Campus* Recife,  
como requisito para obtenção do grau de  
licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Adauto Gomes Barbosa.

Recife

2019

Ficha elaborada pela bibliotecária Maria do Perpétuo Socorro  
Cavalcante Fernandes CRB4/1666

S586t  
2019

Silva, Ana Cláudia da.

Transformações e permanências do lugar: um olhar sobre a vila da fábrica,  
Camaragibe - PE / Ana Cláudia da Silva. --- Recife: O autor, 2019.  
91f. il. Color.

TCC (Curso de Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal de Pernambuco,  
Departamento Acadêmico de Ambiente, Saúde e Segurança - DASS, 2019.

Inclui Referências.

Orientador: Professor Dr. Adauto Gomes Barbosa.

1.Desigualdades socioespaciais. 2. Produção do espaço. 3. Vila da Fábrica.  
I. Barbosa, Adauto Gomes ( orientador) . II. Instituto Federal de Pernambuco.  
III. Título.

CDD 307.76 (21ed.)

ANA CLAUDIA DA SILVA

**TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS DO LUGAR: um olhar sobre a Vila da Fábrica,  
Camaragibe/PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em Geografia do  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia de Pernambuco – *Campus* Recife,  
como requisito para a obtenção do título de  
Licenciado em Geografia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e **APROVADO** em 17 de dezembro de 2019 pela  
Banca Examinadora:

---

Professor Dr. Adauto Gomes Barbosa (IFPE) – Orientador  
Doutor em Geografia – UFPE

---

Rodrigo Dutra Gomes (UFPE/DCG) – Examinador Externo  
Doutor em Geografia – Unicamp

---

Mário Ferreira da Silva Mélo (IFPE/DASS/CGEO) – Examinador Interno  
Mestre em Geografia – UFPE

Recife – PE

2019

Aos meus maiores amores, Sandro, Artur e Atos.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao longo da trajetória acadêmica, após muitos anos longe da academia, pude observar que a construção de um trabalho é resultado de todo um percurso que não fazemos sozinho. O compartilhamento de jornadas e descobertas junto a professores e amigos de sala, trouxe-me a clareza que cada momento ou coisa vivida e dividida nos torna mais plenos. Posso afirmar que toda a experiência adquirida ao longo da formação me ensinou, a entender que, fazer pela coletividade deve ser algo permanente e sistemático.

Neste sentido, agradecer formalmente a todos os envolvidos, que contribuíram para edificar essa percepção é de suma importância para mim. Assim, registrar os agradecimentos é o mínimo que posso fazer por todo o aprendizado e pela troca de saberes, adquiridas com meus mestres docentes e amigos de turma. Para mim, deixar de citar as contribuições de familiares, professores e amigos na construção deste trabalho de pesquisa, seria algo completamente ilógico.

Iniciando, peço os agradecimentos especiais a Renata e a Yone, funcionárias da Biblioteca Penarol, sediada no bairro da Vila da Fábrica, a todos da galeria de arte e a fundação de cultura instaladas no bairro. Agradeço ainda à Escola Oscar Carneiro e a seus membros de direção que muitas vezes me cederam espaço para realizar as entrevistas com as pessoas da comunidade; à Igreja Católica local, pelo acesso ao acervo da história do lugar; à Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), por todas as fotos e relatos bibliográficos da Indústria de Tecidos de Camaragibe e da Vila da Fábrica; ao setor comercial do Camará Shopping, pela atenção desprendida e a todas as 91 pessoas, moradores ou não, que com muita gentileza responderam aos questionários desta pesquisa.

E de forma também especial agradeço a todas as pessoas com quem conversei e entrevistei no decorrer das etapas de elaboração desta pesquisa, nomeando em especial, o Sr. Borba, o Sr. Joaquim, D. Preta, D. Edna, D. Edite, Sr. Antônio, D. Miriam, D. Law, Sr. Carlos, Sr. Fernando e D. Nancy. Vocês me acolheram e me direcionaram a tudo que pude descobrir sobre o objeto de estudo da minha pesquisa.

Gostaria de agradecer também, aos professores e professoras atrelando a cada um deles uma característica específica notada ao longo da formação, mas que levarei comigo para sempre. Primeiramente, um obrigado especial ao professor Adauto, que com sua sabedoria e habilidade de direcionamento contribuiu muito na construção desta monografia. Ressalto, que

você, Adauto, é mais que um professor, é um verdadeiro amigo que levarei para toda a vida. O seu conteúdo gigante de saberes, impressiona a cada aula, sendo elas verdadeiras fontes de conhecimentos, percebível a cada período, a cada turma, a cada disciplina gerida por você. A cidade e o urbano para mim, nunca mais serão os mesmos após seus esclarecimentos.

Ao professor Mário, gostaria que soubesse que a clareza de suas aulas quanto à divisão territorial do Brasil, viabilizaram entender melhor a trajetória do arranjo espacial que tivemos em nosso país, ao longo do tempo. Esse conhecimento fez toda diferença para uma formação crítica e ativa dentro da sociedade em que estou inserida. Aqui, aproveitando a ocasião e ainda falando de países, agradeço também à professora Márcia, que me fez ter um olhar especial para toda a América do Norte, quando promoveu seminários relacionados a temáticas voltadas a esses lugares. Foi de suma importância entender as diferenças.

Meu muito obrigada também ao professor Wedmo, que com suas aulas de Geografia Cultural ampliou o tema com maestria, afrouxando a minha visão quanto a sua dimensão, até então não percebida completamente. Aos professores Aramis e Rogério vai o agradecimento pelas apresentações sobre a aerofotogrametria e a climatologia, respectivamente apresentadas por vocês e que somaram bastante nessa trajetória de apreensão de conhecimentos.

E o que falar das aulas de campo da professora Manuella? Sem dúvidas que foram perfeitas, pois agregaram muito no processo de maturidade para todos que com ela, estudaram. Seu domínio e conhecimento da Geografia Física impressionam e faz a gente querer ser igual neste aspecto, assim também, como sua disciplina e poder de planejamento durante todas as aulas de campo. Essas condutas foram verdadeiros instrumentos lúdicos que me tornou uma profissional, excepcionalmente, melhor. Obrigada professora!

Obrigada também às professoras Clézia, Fernanda e Edlamar, que nos momentos de aflição me acalmaram e me instruíram quanto aos desafios das etapas de estágio. Quero que saibam que muito cresci na forma de ver e atuar no ambiente escolar. Vocês foram essenciais para meu processo de formação. Serei, certamente, uma educadora mais completa depois da convivência com vocês. Clézia, obrigada por me fazer conhecer a história de Josué de Castro, foi uma experiência incrível trabalhar algumas das obras dele. Aos professores Nielson, Igor e Ana Paula ficam os agradecimentos pelas dinâmicas de grupo e pelas aulas de laboratório, que fizeram a diferença no aprendizado do trabalho em equipe. Saibam que essas lições ampliaram de forma expressiva a minha criatividade.

Continuando os agradecimentos, não poderia deixar passar três nomes neste momento, são eles: professor Maciel – historiador; professor Suzano – filósofo e professor João – Sociólogo. Vocês me trouxeram, com primazia, nomes, autores e conjunturas que jamais esquecerei, pois se vocês assim não me tivessem apresentado esses aspectos, nada relativo a isto conheceria. Um obrigado especial.

Ao professor Marcelo meu muito obrigada por nunca mais, após suas aulas de Geologia, olhar a Terra do mesmo jeito que via antes. Quero que saiba que seu domínio na área é por mim totalmente reconhecido, o que corrobora para uma atuação consciente. E, chegando à Geografia Agrária, temos as aulas da professora Lúcia, que com suas explicações e com os trabalhos desenvolvidos na disciplina, trouxe um maior entendimento quanto a relação de complementariedades no que se refere ao desenvolvimento do Campo e da Cidade, e, principalmente como percebê-las. Valeu de coração.

Não poderia deixar de agradecer, também, embora tenha sido pouco o tempo de convivência, às professoras Heloísa e Luciana. À Heloísa, por mostrar a imbricação entre a Matemática e a Geografia, o que foi desafiante para alguém que não é muito das “exatas”. Você, Heloísa, soube fazer entender e eu consegui graças a sua metodologia. À Luciana, agradeço pelas orientações sobre como confeccionar os trabalhos acadêmicos, ensinamentos postos muito em prática, neste momento de final de curso.

Minha admiração e gratidão também vão para o professor Anselmo, que soube repassar muito bem a conciliação da Geografia com a área de Saúde, confesso que essa junção foi inédita para mim, mas relevantemente fascinante. Obrigada também ao professor Enildo por me apresentar a Hidrogeografia, disciplina que foi substancial conhecer e que ampliou totalmente minha visão da importância das bacias hidrográficas.

Ao professor Gustavo, hoje ausente pelos estudos do doutorado, meus votos de gratidão pelas aulas metódicas e profundas. Conhecer a teoria malthusiana trouxe à tona o cuidado e a crítica do que pode estar por trás de um discurso institucionalizado, temática latente no cenário atual. E, quando você pensa que não mais teria professor novato, em pleno último semestre, conheço a professora de LIBRAS que passou a substituir, temporariamente, o querido professor Bernardo. Alice você fez toda a diferença nesse aprendizado, meu muito obrigada, entender os parâmetros foi engrandecedor.

Nesse contexto, afirmo que todas as discussões realizadas em sala, bem como os debates sobre os diversos assuntos, principalmente aqueles voltados ao lugar e ao espaço, contribuíram



muito na condução para elaboração desta monografia. As vivências diárias mostraram que a troca de saberes é sempre fundamental para a construção futura de trabalhos de pesquisas.

Gostaria também de expressar aqui os meus agradecimentos aos meus amigos de sala. Quero que saibam que vocês foram importantíssimos para minha motivação diária, coisa que me fez superar os desafios no decorrer do curso. Obrigada a cada conversa com as amigas Jackeline, Izabelly, Jacy, Claudinha, Marlla, Rebeka, Joyce, Débora, Ediley, Bianka, Kaline e Val, e, a cada apoio dos amigos, em especial, Henrique, Wallace, Diogo, Jederson, Walter, Milton e, em especial a Deivid pela grande ajuda com a confecção do mapa exibido neste trabalho. Agradeço também e de forma geral àqueles amigos e amigas que nos primeiros períodos nos acompanharam, mas que não estão conosco agora, na reta final. Levarei todos no meu coração.

Por fim, agradecimentos profundos e especiais a minha família, principalmente ao meu esposo, companheiro que sempre me aconselhou e apoiou. Obrigada aos meus queridos filhos, tias, irmãos, primos, sobrinhos, amigos, enfim, todos que por me cobrirem de afetos e compreensão, renovaram minha motivação, sendo esta, essencial para continuar. Em especial gostaria de agradecer a minha mãe, que nos momentos necessários sempre me deu cobertura cuidando da minha casa e família enquanto me ausentei para as aulas de campo. Mãe gratidão eterna a ti.

É necessário reforçar que todos vocês reacenderam a chama da determinação a cada período que eu cursava e assim, contribuíram para a conclusão de mais essa etapa da minha trajetória acadêmica. Sem o amor, a compreensão e a ajuda de todos, certamente não conseguiria atravessar os obstáculos presentes no percurso da formação. Que venha agora, os novos desafios.

*O momento passado está morto como o **tempo**, não, porém como **espaço**; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua **objetivação** não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à **realização social**.*

*Milton Santos, 2004.*

## RESUMO

Composta de um contexto histórico plural, a Vila da Fábrica constitui, no período atual, um espaço de possibilidades para a atuação do capital, com potenciais repercussões na vida dos seus moradores. A pesquisa teve como tema as transformações e permanências no espaço da antiga vila operária do bairro Vila da Fábrica, conhecida pelo mesmo nome, que faz parte da cidade de Camaragibe, integrante da Região Metropolitana do Recife e que funciona como cidade dormitório da capital estadual. Tomando por base as categorias de análise *produção do espaço* e *lugar*, a pesquisa traz à tona as contradições decorrentes dos novos ares de modernização gerados pela implantação do Camará Shopping, num espaço vivido ainda marcado por permanências do antigo cotidiano fabril. Com a implantação do shopping como primeira etapa do megaprojeto Reserva Camará, impõe-se uma nova dinâmica urbana marcada pela tendência à valorização crescente do solo urbano e ao agravamento de problemas socioespaciais. Como objetivo principal, a pesquisa analisou as transformações e permanências socioespaciais ocorridas na Vila da Fábrica após a implantação do Camará Shopping, bem como os impactos ou formas de resistências presentes nas práticas cotidianas dos moradores do lugar. Tomando por base a abordagem dialética materialista, a pesquisa fez uso de instrumentos metodológicos como: entrevistas semiestruturadas e questionários; consulta ao acervo da biblioteca pública; memória oral do lugar; registro fotográfico, dentre outras técnicas. Foi constatado que a inauguração do Camará Shopping por um consórcio de empresas imobiliárias de atuação essencialmente no mercado imobiliário metropolitano, tem trazido expectativas positivas e negativas nos moradores da antiga vila operária. Além disso, tanto mencionam a oferta de mais empregos e a valorização do solo urbano, como temem que as mudanças em curso agravem ainda mais problemas de abastecimento d'água, congestionamentos do trânsito, comprometimento da segurança pública, destruição de trechos de vegetação nativa, dentre outros problemas. O cotidiano do lugar revela tensões entre o tradicional e o moderno frente a incertezas e desconfiança no futuro.

Palavras-chave: Produção do espaço. Lugar. Cotidiano. Vila da Fábrica. Camaragibe.

## ABSTRACT

Composed of a plural historical context, the Vila da Fábrica constitutes, in the current period, a space of possibilities for the capital's action, with potential repercussions on the lives of its residents. The research had as its theme the transformations and permanences in the space of the old workers' village of the Vila da Fábrica neighborhood, known by the same name, which is part of the city of Camaragibe, member of the Metropolitan Region of Recife and which works as a dormitory city of the state capital. Based on the categories of analysis of *the production of space* and *place*, the research brings to light the contradictions arising from the new airs of modernization generated by the implementation of Camará Shopping, in a lived space still marked by the permanence of the old daily manufacturing. With the implementation of the shopping mall as the first stage of the Camará Reserve megaproject, it imposes a new urban dynamic marked by the tendency to increase the value of urban land and to aggravate social and spatial problems. The main objective of the research was to analyze the transformations and socio-spatial changes that occurred in the Vila da Fábrica after the implementation of Camará Shopping, as well as the impacts or forms of resistance present in the daily practices of the residents of the place. Based on the materialistic dialectical approach, the research made use of methodological tools such as: semi-structured interviews and questionnaires; consultation of the public library collection; oral memory of the place; photographic record, among other techniques. It was found that the inauguration of Camará Shopping by a consortium of real estate companies operating essentially in the metropolitan real estate market, has brought positive and negative expectations in the residents of the former working village. In addition, both mention the offer of more jobs and the valuation of urban land, and fear that the changes underway will further aggravate problems of water supply, traffic congestion, compromising public safety, destruction of stretches of native vegetation, among other problems. The daily life of the place reveals tensions between the traditional and the modern in the face of uncertainties and mistrust in the future.

Keywords: Space production. Place. Everyday. Factory Village. Camaragibe.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Vista do perfil socioespacial predominante na paisagem urbana do bairro da Vila da Fábrica, na cidade de Camaragibe .....	24
Figura 2 -	Vista frontal do Engenho Camaragibe, início do séc. XX .....	38
Figura 3 -	Casarão do Engenho Camaragibe .....	39
Figura 4 -	Aspecto da Rua Muniz Machado, início do séc. XX .....	42
Figura 5 -	Operários dirigindo-se à Fábrica de Tecidos de Camaragibe, início do séc. XX .....	43
Figura 6 -	Fachada do prédio atualmente em ruínas da Fábrica de Tecidos de Camaragibe .....	44
Figura 7 -	Ruínas da Fábrica de Tecidos de Camaragibe, à esquerda, e prédio do Camará Shopping, à direita .....	45
Figura 8 -	Objetos espaciais do megaprojeto imobiliário e a situação da Vila da Fábrica .....	50
Figura 9 -	Antiga República dos Solteiros, atual edifício-sede da Fundação de Cultura de Camaragibe .....	59
Figura 10 -	Atual fachada do Cine Teatro Bianor Mendonça Monteiro.....	60
Figura 11 -	Vista interna do Cinema Bianor Mendonça Monteiro .....	60
Figura 12 -	Time de futebol do Guarany, no início do séc. XX .....	62
Figura 13 -	Antigo prédio do Clube Penarol, atual Biblioteca Municipal de Camaragibe .....	63
Figura 14 -	Antiga Escola das Irmãs, atual Escola Municipal José Collier .....	64
Figura 15 -	Figura 15 - Sesi da Vila da Fábrica, antiga Escola dos Meninos .....	65
Figura 16 -	Barragem do Açude da Mata no início do séc. XX (A) e destruição provocada pelo rompimento da represa em 1990 (B) .....	66

Figura 17 -	Açude São Bento, na Ponte do Balde, no início do séc. XX .....	67
Figura 18 -	Travessia para pedestre sobre a barragem do Açude São Bento, na Vila da Fábrica .....	68
Figura 19 -	Igreja Católica do Sagrado Coração de Jesus .....	69
Figura 20 -	Churrasco de final de ano na Fábrica de Tecidos de Camaragibe no início do séc. XX .....	70
Figura 21 -	Matéria da Folha PE sobre rumores de demolição da Gruta da Santa .....	79

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Objetos e práticas presentes na Vila da Fábrica desde sua fundação .....	71
Quadro 2	Aspectos positivos e negativos mais citados pelos entrevistados após a inauguração do Camará Shopping .....	80
Quadro 3	Percepção dos impactos pelos moradores quanto à implantação total do megaprojeto imobiliário .....	82

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1 -	Localização do Bairro da Vila da Fábrica, Camaragibe/PE .....	23
----------	---	----



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Quantidade de pessoas da amostra da pesquisa que reside na Vila da Fábrica .....	29
Gráfico 2	Quantidade de pessoas por faixa etária que responderam o questionário .....	30
Gráfico 3	Pontos negativos mais citados pelos moradores após a implantação do empreendimento do Camará Shopping .....	81

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>2</b>	<b>SITUANDO CAMARAGIBE NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE E AS PRIMEIRAS MARCAS DO TEMPO DA VILA DA FÁBRICA .....</b>	<b>34</b>
<b>3</b>	<b>A CIDADE COMO NEGÓCIO: O EMPREENDIMENTO CAMARÁ SHOPPING E SEUS AGENTES .....</b>	<b>46</b>
<b>3.1</b>	<b>A abordagem teórico-metodológica de produção do espaço .....</b>	<b>46</b>
<b>3.2</b>	<b>O megaprojeto urbano Reserva Camará .....</b>	<b>49</b>
<b>4</b>	<b>O ESPAÇO VIVIDO DA VILA DA FÁBRICA .....</b>	<b>55</b>
<b>4.1</b>	<b>A dimensão do espaço vivido para a abordagem do cotidiano .....</b>	<b>55</b>
<b>4.2</b>	<b>Uma breve “viagem no tempo” revelada pelos objetos espaciais e seus usos.....</b>	<b>58</b>
<b>4.3</b>	<b>Os distintos olhares dos moradores em face das transformações do lugar na atualidade .....</b>	<b>70</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS .....</b>	<b>84</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>88</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As formas que o lugar assume ganham dinamismo ao longo do processo histórico e a análise do par dialético constituído pelas transformações e permanências, as quais se dão num determinado recorte do espaço, exige considerar que o espaço é, simultaneamente, produto, meio e condição da sociedade que o produziu e ainda constitui expressão da dinâmica do capital (CARLOS, 2001), com todas as contradições daí decorrentes. Se como diz Santos (2004), o espaço constitui um acúmulo de tempos, é razoável pensar que a dinâmica que se processa em determinada área é, indiscutivelmente, parte do processo histórico.

Ainda no âmbito teórico-metodológico, tem-se em conta que o lugar representa uma importante dimensão da realidade geográfica e sua apreensão envolve a abordagem de elementos do cotidiano, fazendo uma imersão no modo de vida. A abordagem do lugar traz à tona aspectos empíricos como as relações de pertencimento e de vizinhança, e como isso de alguma forma contribui para tecer a trama do cotidiano de uma dada fração do espaço geográfico, cujo enraizamento da população tem respaldo ao longo do tempo, contribuindo assim para forjar a construção de laços identitários. Mesmo que todo esse processo se dê de forma espontânea, ele não é casual, pois os sentidos e significados que um determinado bairro ou mesmo uma rua adquirem ao longo do tempo, é parte do que Carlos (1996), apoiada em Henri Lefebvre, considera como o espaço vivido, aquele marcado pela racionalidade desenvolvida no interior do núcleo social e que engloba as coisas produzidas e compreende as suas relações.

É nesse contexto que a Vila da Fábrica é aqui analisada, isto é, ao mesmo tempo sob o prisma da produção socioespacial e sob o olhar da construção do lugar por parte de seus moradores. No primeiro caso, tem-se o espaço como instância social, sendo condição essencial da reprodução da sociedade, mas também como matéria trabalhada pela ação do capital, envolvendo o que Santos (2004) chama de sistemas de objetos e sistemas de ações. Dessa forma, a produção do espaço encerra objetos e ações, seja dos moradores que habitam esse fragmento espacial, cuja formação como vila foi concebida para abrigar o operariado fabril, seja objetos e ações dos agentes econômicos que impõem a lógica do valor de troca sobre o valor de uso, e ao fazerem isso sobrepõem as verticalidades às horizontalidades (SANTOS, 2004).

Já sob a perspectiva teórico-conceitual do lugar, tem-se a predominância de relações de horizontalidades, num espaço em que a produção da vida se torna o elemento preponderante. Contudo, mesmo que o lugar da Vila da Fábrica seja marcado por certas permanências, transformações recentes são impostas pela atuação do capital, particularmente relacionadas com a implantação do complexo imobiliário, cuja primeira etapa é o Camará Shopping. Isso gera uma nova dinâmica socioespacial que afeta substancialmente o cotidiano dos moradores, com repercussões diretas na vida de bairro e no processo de valorização do espaço sob a lógica econômica. Feitas essas primeiras observações, fica bem evidente que a abordagem da Vila da Fábrica sob esse duplo olhar teórico-metodológico permite captar uma realidade socioespacial cada vez mais complexa e contraditória.

Além disso, a análise da Vila da Fábrica perpassa a contextualização, ainda que brevemente, da história de Camaragibe. Tal cidade da Região Metropolitana do Recife (RMR), cujo município resultou do desmembramento de São Lourenço da Mata em 1982, tem sua história ligada aos primórdios do século XVI, quando a cultura da cana-de-açúcar desponta no Estado de Pernambuco, marcando o lugar com a construção do Engenho Camaragibe, em 1549. Segundo Lemos (2012 p. 26), tal acontecimento foi registrado em carta de Duarte Coelho, primeiro donatário da capitania, escrita para o Rei de Portugal D. João III, ainda naquela época.

Durante séculos a atividade canavieira caracterizou o lugar como área de engenhos e só no final do século XIX, com o declínio da atividade econômica, surge com a pessoa de Carlos Alberto de Menezes a ideia de fundar uma fábrica de tecidos em Camaragibe, incluindo ainda, a este projeto, a construção de uma Vila Operária, com casas e toda estrutura que viabilizasse a moradia permanente dos trabalhadores da fábrica (COLLIER, 1996). Anexo ao projeto da fábrica, foram construídos também outros objetos que possibilitaram a vida em comunidade autossustentável, como a pequena barragem construída no Açude da Mata que serviu para o abastecimento de água e energia elétrica tanto para a fábrica como para a Vila.

Segundo Collier, (1996), a estruturação da Vila da Fábrica, é toda pensada por Menezes e contou com o papel decisivo de alguns agentes, entre eles ressalta-se a Igreja Católica, que através das freiras trazidas da França teve um papel relevante na educação dos filhos dos operários. Ainda segundo o autor, foram criadas as cooperativas que facilitavam o acesso dos moradores às compras de alimentos e objetos em geral; o mercadão onde se vendiam as hortifrúteis cultivadas pelas famílias da Vila; a república dos solteiros, a qual viabilizava a contratação de jovens inuptos para trabalharem na fábrica; as escolas para meninos e meninas cujo objetivo era a preparação dos futuros funcionários da fábrica de tecidos; e ainda todos os

equipamentos que estavam atrelados a prática de lazer, como o cinema, a escola de música, as sedes dos clubes de futebol dos times do Guarany e do Penarol, além de um ambulatório médico onde profissionais da saúde davam assistência a todos os sujeitos envolvidos na dinâmica social desse espaço.

No ano de 1895, conforme Lemos (2012, p. 56), acontece o início das atividades da fábrica de tecidos, estando também as casas da vila e a república dos solteiros, prontas para abrigar seus operários, o que já estabelece entre os usadores<sup>1</sup> desse espaço uma condição de apropriação do lugar bem como as novas formas de uso por eles adotadas. Dialogando com a narrativa de Santos (2004, p. 30), quando destaca, “[...] o espaço se converte numa gama de especulações de ordem econômica, ideológica, política, isoladamente ou em conjunto”. Assim, é possível afirmar que a forma de apropriação do espaço revela intenções que se enquadram na lógica do capital contemporâneo, contribuindo para acirrar um processo de fragmentação socioespacial.

Diante da configuração desse tecido espacial formado pela Vila da Fábrica, faz todo sentido considerá-lo como um lugar, afinal de contas, durante todo o tempo em que a fábrica de tecidos funcionou, ou seja, até 2004, o cotidiano da vila era regido pelo espírito de comunidade, onde prevaleciam laços de cooperação entre os moradores e os agentes sociais que o estruturaram, com a inserção de objetos e ações, que viabilizaram uma nova construção social neste espaço. Porém, com o fechamento da fábrica muito dessa dinâmica socioespacial foi alterada e a população da vila precisou buscar outras formas de sobrevivência, não raro atreladas ao Recife como cidade-núcleo da RMR, da qual Camaragibe consolida sua posição como uma cidade dormitório, estando tal característica atrelada à insuficiência de atividades para empregar sua população ativa fazendo com que uma grande massa de pessoas se desloque diariamente sobretudo para o Recife para trabalhar.

A Vila da Fábrica, como se destacou, era originalmente constituída apenas pela antiga vila operária, formada de casas e alguns equipamentos urbanos, cuja construção foi totalmente atrelada à implantação da fábrica de tecidos. Contudo, ao longo do tempo, a mancha urbana se espalhou para além da vila original fazendo surgir novas ruas. Hoje em dia, a Vila da Fábrica tanto contém o núcleo inicial formado pela vila fabril propriamente dita, como pelas demais áreas que se expandiram no entorno imediato. O recorte espacial da presente pesquisa é

---

<sup>1</sup> Opta-se pelo uso deste termo por considerar que ele é mais rico semanticamente do que o termo “usuário”, que é frequentemente relacionado ao uso mediado por alguma relação de consumo e muitas vezes envolvendo pagamento de alguma tarifa. O sufixo da palavra “usador” designa de forma muito clara a ação, tal como em “trabalhador”, “fazedor”, “consumidor” etc., fazendo mais sentido do que a ideia de usuário.

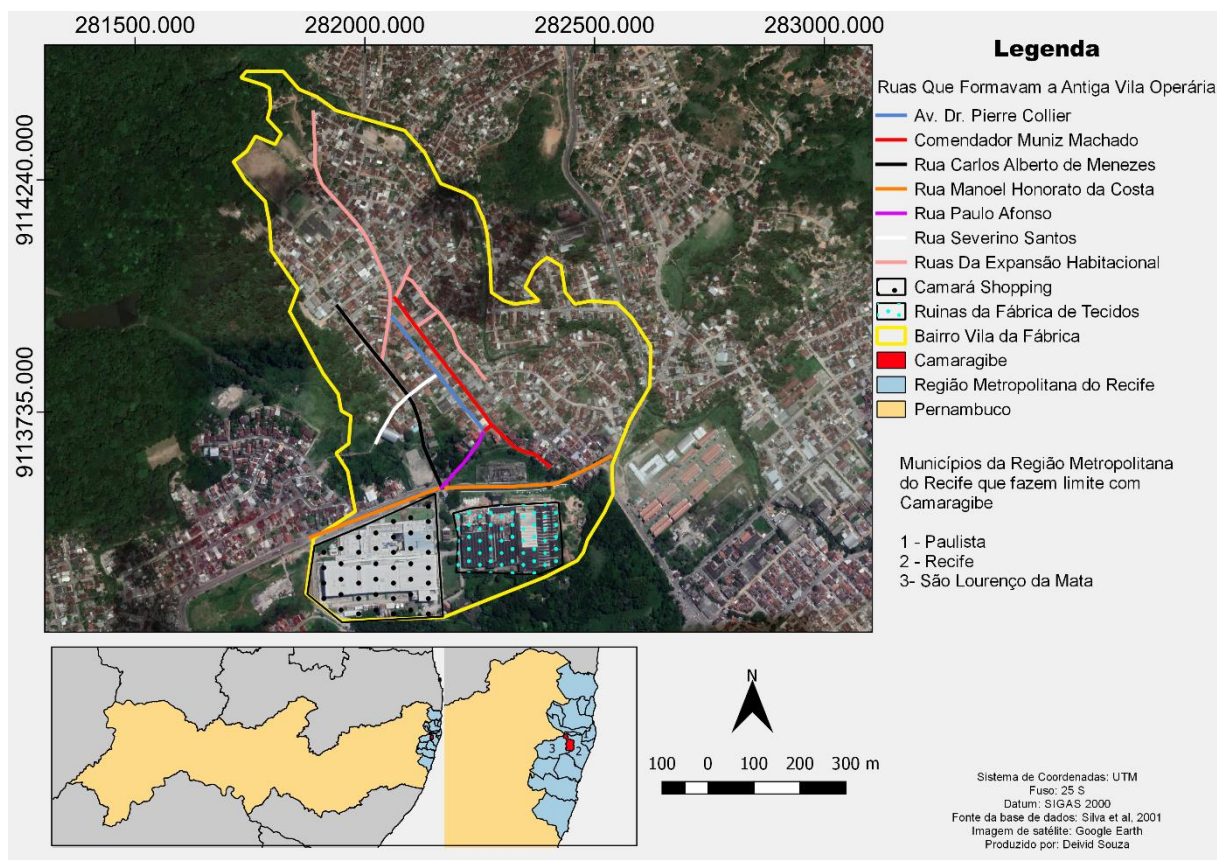
constituído unicamente pela Vila da Fábrica original, ainda que não se deixe de mencionar e por vezes contextualizar o bairro da Vila da Fábrica, constituído pela parte original e pela parte que passa por alterações mais recentes.

Toda a alteração morfológica, ocorrida ao longo do tempo, foi influenciada pela modernidade difundida naquele momento “industrial”, o que contribuiu para uma mudança radical nas práticas sociais até então efetuadas nesse espaço, provocando, pode-se dizer, um processo inicial de urbanização no local que foi crescendo ao longo do tempo. Nesse quadro de referência, fazem bastante sentido as palavras de Carlos (2001, p. 18), de que “No mundo moderno a prática socioespacial revela a contradição entre a produção de um espaço em função das necessidades econômicas e políticas e ao mesmo tempo a reprodução do espaço da vida social”. Logo, compreender a produção do espaço é entender que o lugar oferece ao movimento do mundo as possibilidades de realizações, que representadas pela dinâmica de transformações socioespacial se tornam um fenômeno contínuo, criando assim, a necessidade de ser estudado.

Após um período secular em funcionamento e depois do terceiro grupo de proprietários, a indústria têxtil encerra totalmente suas atividades, sendo o ano de 2004 considerado o mais triste para os moradores da Vila da Fábrica, que na época já constituía um bairro de Camaragibe. Com o encerramento da fábrica, o lugar se torna um espaço sem funcionalidade econômica e também esquecido pelo poder público. Como já aventado, consolida-se a posição de Camaragibe como cidade dormitório do Recife, uma vez que seus habitantes foram forçados a buscar alternativas de trabalho em outros lugares, só retornando às suas casas no período noturno. Enquanto a unidade têxtil estava em atividade, no auge de produção, a fábrica chegou a funcionar em três turnos e empregava mais de mil funcionários (AGUIAR, 2012).

Foi diante de toda a dinâmica histórica existente no lugar que, o bairro por décadas passou por uma gradual expansão espontânea, em termos de moradia. A ocupação irregular, notada hoje no arranjo habitacional desse espaço, faz com que o bairro da Vila da Fábrica mostre um universo imbricado de situações e possibilidades. À frente dessa realidade é pertinente informar que este trabalho de pesquisa se prendeu a estudar, apenas, a parte frontal da Vila da Fábrica, onde estão localizadas as casas construídas na fundação da vila operária. O atual bairro da Vila da Fábrica está localizado na parte central do município Camaragibe (Mapa 1).

Mapa 1 - Localização do Bairro da Vila da Fábrica, Camaragibe/PE



Fonte: Souza (2019).

Vale frisar que o recorte territorial desta pesquisa não abrange todo o bairro da Vila da Fábrica, mas tão somente o núcleo original que lhe deu origem, ou seja, a vila operária propriamente dita, construída para abrigar o contingente de trabalhadores da fábrica têxtil. Ainda assim, é importante ressaltar que o bairro da Vila da Fábrica, que incorpora a vila e outra área da cidade, é um espaço com largo predomínio de população pobre e sua expansão se deu essencialmente por ocupação espontânea, de forma irregular em áreas de morros, tal como observado na figura 1. Aliás, esse é o panorama recorrente da história da formação de muitos bairros de Camaragibe.

Figura 1 – Vista do perfil socioespacial predominante na paisagem urbana do bairro da Vila da Fábrica, na cidade de Camaragibe



Foto: A autora (2019).

O bairro da Vila da Fábrica, que recebeu tal denominação por conta da vila operária original e que é objeto de estudo aqui, é apenas um entre tantos outros bairros de Camaragibe onde a expansão urbana se deu de forma espontânea e onde são comuns problemas de deslizamentos de encostas durante o período chuvoso, o que atesta a forte precariedade urbana até os dias de hoje. São recorrentes os problemas de abastecimento d'água, de carência de espaços públicos comunitários como áreas de lazer e de promoção da cultura popular, o que atesta a fragilidade da presença do Estado no território.

Vale ressaltar que tal quadro de pobreza do bairro e da cidade como um todo contrasta com o projeto anunciado para a área do entorno imediato da antiga vila operária, com o lançamento do Megaprojeto urbano Reserva Camará, o qual atem no Camará Shopping sua primeira etapa. Assim, em parte do terreno onde existia o prédio da fábrica, hoje já em ruínas, foi inaugurado em 2018 o mais recente empreendimento da Cidade de Camaragibe, o Camará Shopping, o que concedeu mais uma vez a essa cidade e, principalmente, à Vila da Fábrica, a chegada de uma nova dinâmica urbana. Trata-se de um projeto arrojado que, desde já, com a implantação do shopping, contribui para redefinir a centralidade urbana dessa parte oeste da RMR, com sensíveis transformações na Vila da Fábrica.



Dialogando com a narrativa de Souza (2005), para quem a cidade é uma entidade socioespacial complexa, é possível afirmar que a proposta do novo empreendimento em Camaragibe acarreta a chegada de novos objetos e valores, compondo um sistema promovido pela força do capital financeiro, articulado ao Estado. O propósito dessa ação é que novos objetos espaciais sejam, gradativamente, sobrepostos aos já existentes no lugar. A forma como se manifesta a produção do espaço é reveladora das intencionalidades dos agentes responsáveis pelo empreendimento. Como se nota, as transformações socioespaciais em curso aprofundam as diferenças e desigualdades, afetando o cotidiano dos moradores do lugar.

Tal como está ocorrendo na Vila da Fábrica, a instalação de megaprojetos imobiliários promove transformações socioespaciais de grande monta e gera processos de revalorização do solo urbano. Assim, é pertinente citar que, amparada pelas ações da prefeitura de Camaragibe, o bairro já adquiriu o apoio quanto a ampliação de mais veículos coletivos, fazendo com que outras linhas de ônibus transitem no local. Mediante a este feito, coletado também no decorrer da pesquisa, observa-se que a influência de equipamentos como o Camará shopping exhibe uma lógica do uso do espaço urbano. Diante desse contexto, trazemos:

Sem dúvida, o espaço é formado de objetos; mas não são os objetos que determinam os objetos. É o espaço que determina os objetos: o espaço visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados (acionados) segundo uma lógica. Essa lógica da instalação das coisas e da realização das ações se confunde com a lógica da história, à qual o espaço assegura a continuidade. (SANTOS, 2014 p.40).

A implantação de melhorias na infraestrutura local está atendendo a necessidades já postas, anteriormente, pelos moradores da Vila da Fábrica, no entanto algumas delas só estão sendo atendidas após o funcionamento do empreendimento. De acordo com o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o bairro da Vila da Fábrica possui 3.847 habitantes, sendo este contingente considerado significativo, no que se refere a necessidade de elaboração de políticas públicas que visem uma melhor infraestrutura urbana.

Nesse contexto, o presente trabalho ganha relevo não apenas para se compreender a realidade específica desse recorte da RMR, como também de muitas outras áreas que passam por transformações equivalentes em outras grandes áreas urbanas brasileiras. Como reforço dessa linha argumentativa que justifica este trabalho, traz-se à tona a contribuição de Padua (2015) que, ao analisar a instalação de “novos empreendimentos imobiliários”, na cidade de São Paulo, em áreas outrora constituídas por fábricas e que foram desativadas, estão se tornando

em novas áreas de implantação de empreendimentos imobiliários de uso misto, que congregam a função residencial atrelada a equipamentos de comércio e serviços, em bairros no entorno da área central da metrópole paulistana, e que, com tal dinâmica, são revalorizadas para atrair moradores novos da chamada classe média.

Mesmo considerando que a refuncionalização de antigas áreas fabris é muito mais forte numa metrópole como São Paulo, no contexto da RMR também ocorre algo semelhante, ainda que em menor proporção. Assim, para além do que é analisado neste trabalho referente à modernização e expansão imobiliária na Vila da Fábrica, não se pode perder de vista que a implantação do Paulista North Way Shopping, numa antiga fábrica da família Lundgren, guarda alguma semelhança com o que está acontecendo com o Camará Shopping na Vila da Fábrica. Desse modo, se em Paulista o shopping inaugurado em 2015 veio acompanhado de uma revalorização imobiliária do seu entorno, em Camaragibe tal dinâmica não é diferente, ainda que esteja numa fase bem inicial, até porque o Camará Shopping foi inaugurado três anos depois do North Way, tendo muito ainda o que abrir em termos lojas âncora e de outras etapas do complexo imobiliário do qual faz parte.

Além disso, esta pesquisa também visa contribuir para uma compreensão acerca das novas direções do crescimento da RMR. Tal processo é marcado pela formação de novos subcentros (ou o reforço de alguns já existentes, como o centro da cidade de Paulista), por meio de investimentos estruturantes nas bordas metropolitanas. Se ao final da década passada isso foi muito mais forte com os investimentos de Suape, na direção sul; no início desta década foi a vez da direção norte da RMR ver potencializado a expansão urbana, por meio da implantação do polo cervejeiro, automotivo e farmacoquímico em Itapissuma e Goiana, sendo Paulista parte desse eixo. Já na direção do oeste metropolitano, com a inauguração do Camará Shopping em 2018, há a tendência de configuração de um novo subcentro polarizado por esse equipamento, no município de Camaragibe e com forte repercussão em bairros na zona oeste recifense como Caxangá e Várzea. Vale frisar que tal equipamento urbano também servirá de suporte para a população de Aldeia.

Em meio a tudo isso, analisar como tal processo vem se dando e quais seus impactos no cotidiano de uma área historicamente concebida para ser tão somente uma vila operária, se mostra algo fundamental para tentar dar conta das transformações e permanências que ocorrem nesse fragmento da RMR, aqui analisado. Portanto, estudar os impactos da implantação do Camará Shopping na Vila da Fábrica pode dar luz à compreensão das transformações

socioespaciais de outras áreas da RMR e, quiçá, de outros contextos socioespaciais urbanos brasileiros.

A produção do espaço, primeira categoria em que a pesquisa se apoia, contextualiza questões relevantes sejam com relação aos processos produtivos ou aos sujeitos produtores, tanto na dimensão material, como na imaterial. Assim, as transformações já sentidas na Vila da Fábrica, após a inauguração do Camará Shopping, revelam, primeiramente, a dinâmica de implantação do projeto imobiliário e a refuncionalização do espaço, mas ao mesmo tempo traz à tona a possibilidade de conflitos entre gerações que habitam a vila. Os mais jovens se manifestam a favor das mudanças que chegam com elas, em contraposição às gerações mais antigas, que se mostram mais resistentes devido à importância dada à preservação de determinados objetos e valores que representam suas vidas nesse lugar.

Nesse contexto, a marca da industrialização na Vila da Fábrica, iniciada no final do século XIX com a abertura da indústria de tecidos e o avanço do processo de urbanização, tornaram esse espaço atrativo ao avanço do capital financeiro, transformando-o em uma área altamente possível de revalorização diante do adensamento urbano relacionado à metrópole e à chegada do empreendimento no bairro. Logo, é com a análise da produção espacial que se revelam pontos primordiais para uma melhor compreensão dos processos impostos e vividos pela sociedade, estando esses preenchidos de intenções, conflitos, valores e comportamentos. Como se sabe, os agentes sociais envolvidos não possuem as mesmas possibilidades de ação, o que gera desigualdades fazendo com que a pesquisa se apoie numa lógica de abordagem da dialética materialista, ancorada em autores como Carlos (2001) e Santos (2004).

Diante do exposto na problemática acima, as perguntas que nortearam o problema da pesquisa estão listadas a seguir.

- I. Em que medida as transformações socioespaciais em curso têm mantido e/ou alterado a morfologia espacial da Vila da Fábrica?
- II. Como as novas formas de uso e apropriação do solo urbano, promovidas pelos agentes imobiliários e acobertadas pelo poder público local, podem transformar o lugar em mercadoria?
- III. Quais as resistências firmadas pelos moradores da Vila da Fábrica para preservar objetos e vivências presentes no local desde sua fundação?

Tendo como pano de fundo tais questões norteadoras, a pesquisa teve como objetivo principal *analisar as transformações e permanências socioespaciais ocorridas na Vila da*

*Fábrica, após a implantação do Camará Shopping, bem como os impactos ou formas de resistência presentes nas práticas cotidianas dos moradores do lugar.* Fica implícito neste objetivo que o recorte temporal da pesquisa compreendeu o período iniciado com a implantação do shopping em 2018, até os dias atuais. Isso não impede de retornar no tempo em alguns momentos, como forma de encontrar nexos históricos para a explicação do período atual. Para uma melhor compreensão de cada passo dado, foram definidos os objetivos específicos a seguir.

- 1) Contextualizar a inserção de Camaragibe na RMR e a formação da Vila da Fábrica.
- 2) Analisar a implantação do Camará Shopping, destacando os principais agentes envolvidos e as transformações socioespaciais desencadeadas na Vila da Fábrica após a construção do empreendimento.
- 3) Relacionar os principais objetos e ações que compunham e/ou ainda compõem a paisagem e que têm correlação com o cotidiano da Vila da Fábrica.
- 4) Analisar o cotidiano da Vila da Fábrica, ressaltando posturas de defesa e de resistência dos moradores do lugar à recente dinâmica urbana trazida pela instalação do shopping.

Para compreensão de como está estruturado o trabalho, o primeiro objetivo específico é contemplado no capítulo 2, ao fazer a discussão sobre a formação da Vila da Fábrica, mas ao mesmo tempo sem perder de vista a inserção de Camaragibe como parte da RMR. O segundo objetivo específico é contemplado no capítulo 3, que trata sobre a nova lógica espacial empreendida pela instalação do Camará Shopping, primeira etapa do megaprojeto que deverá alterar ainda mais a dinâmica socioespacial da Vila da Fábrica. Já o terceiro e quarto objetivo específico são contemplados no capítulo 4, ao abordar o cotidiano atual da vila, num misto de transformações e permanências, situação por vezes geradora de tensões envolvendo expectativas positivas e negativas entre os moradores do lugar.

Considerando o marco categórico, vale frisar que a análise feita no capítulo 3 está largamente apoiada na perspectiva teórico-metodológica da produção do espaço, que é uma das categorias de análise da pesquisa. Já o capítulo seguinte trabalha diretamente com a categoria lugar, na medida em que traz à tona as resistências e possibilidades de mudanças no âmbito do cotidiano dos moradores da vila, ensejando assim uma análise mais voltada para a dimensão do espaço vivido, mas sem perder de vista a perspectiva da abordagem da dialética materialista.

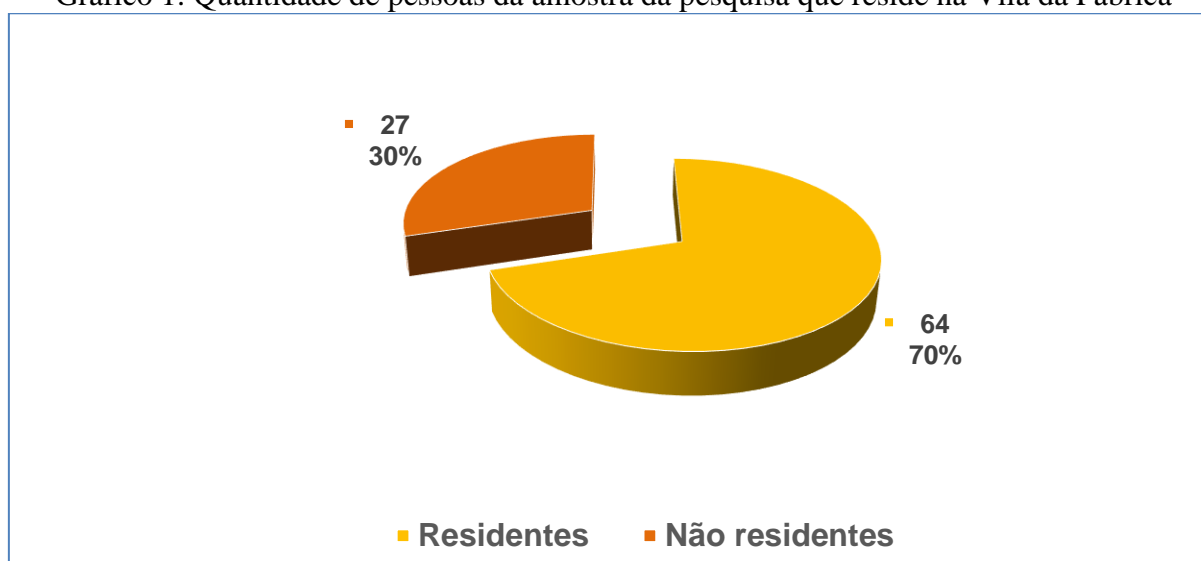
A pesquisa adotou como metodologia a abordagem qualitativa reunindo as concepções teóricas que se articulam com a realidade social do lugar, já que o processo de produção do espaço pode se relacionar, também, à dimensão imaterial, ou seja, ao mundo das relações, das

representações e das intencionalidades, estejam elas visíveis ou implícitas na dinâmica do espaço. Sob o amparo do que nos diz Minayo (2009, p. 21) quando fala sobre a pesquisa social, tem-se: “ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social.

Em termos metodológicos, a pesquisa transcorreu, inicialmente, com o levantamento bibliográfico sobre o objeto de estudo, a Vila da Fábrica e, num segundo momento paralelo às leituras sobre o seu contexto histórico, adotou-se o processo de observação de todos os objetos presentes nessa paisagem. Tal fato aproximou, significativamente, o pesquisador com os sujeitos pesquisados e com todo o arcabouço arquitetônico que compõe a paisagem do local. Numa terceira etapa foram aplicados 91 questionários, cuja finalidade foi de levantar elementos que pudessem enriquecer e tornar a etapa final, a das entrevistas, a mais confiável possível, sendo elas organizadas de forma semiestruturada e direcionadas a sujeitos pré-selecionados mediante à relevância de suas histórias de vida junto ao lugar.

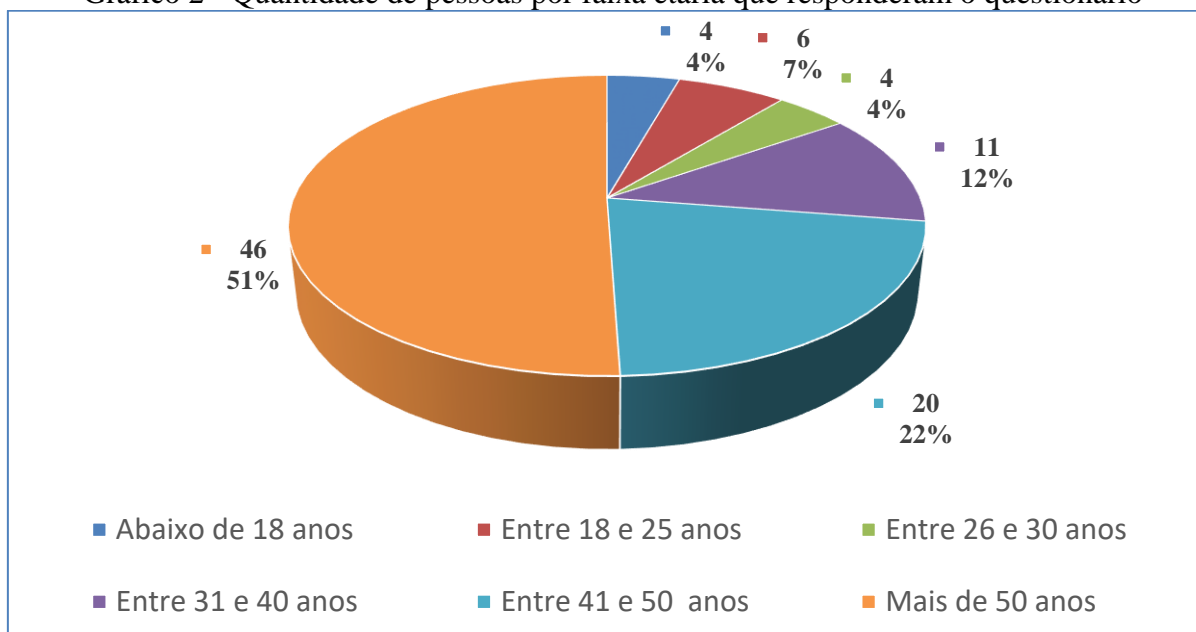
Foram aplicados 91 questionários e efetuadas 10 entrevistas. Além de uma gama de fotos e referências bibliográficas que possibilitaram alguns resultados como os expostos nos gráficos 1 e 2, a seguir. Estes instrumentos de análise retratam a quantidade de moradores que participaram da pesquisa, a faixa etária deles e se esses, reconhecem o motivo da fundação da Vila da Fábrica. Evidencia-se assim, o horizonte do trabalho e do nível de levantamento efetuados.

Gráfico 1: Quantidade de pessoas da amostra da pesquisa que reside na Vila da Fábrica



Fonte: A autora (2019).

Gráfico 2 - Quantidade de pessoas por faixa etária que responderam o questionário



Fonte: A autora (2019).

Os números iniciais do levantamento revelam que 70% das pessoas que responderam ao questionário são residentes da Vila da Fábrica e que do contingente total da amostra, 51% apresenta-se enquadrado na faixa etária superior a cinquenta anos. Porém das 91 pessoas apenas 69 souberam responder qual era o motivo pelo qual as casas iniciais da Vila da Fábrica foram construídas, resultado compatível já que 30% dos que responderam apenas trabalham no bairro não se prendendo a entender como se deu o processo histórico da fundação da vila. Notou-se assim, que o predomínio do entendimento do motivo da construção da vila é muito marcante para aqueles que nela habitam.

Todo o conjunto de técnicas de análise contribuiu para compreender melhor o contexto de transformações que vêm ocorrendo na Vila da Fábrica após a implantação do Camará Shopping, seja na dimensão material representada nos objetos e suas funções; seja na dimensão imaterial, constituída pelos costumes, valores e comportamentos de seus moradores.

O tema e área escolhidos, para o desenvolvimento da presente pesquisa de trabalho de conclusão do curso retrata as modificações ocorridas num recorte espacial que traz no seu contexto histórico uma pluralidade de alterações, compreendendo quando Santos (2004) destaca que a dinâmica vivenciada em um determinado espaço, ao longo de um período, está morta como o tempo, já que nem o tempo passado nem a dinâmica, que o caracterizava podem voltar. Tal fato não ocorre com o espaço, uma vez que este traz em sua conjuntura a *objetivação*,

que, independentemente do tempo, contribui para o momento de vida atual como forma essencial à realização social.

Ainda sob inspiração do mencionado autor, pode-se dizer que as transformações geradas pela implantação de grandes empreendimentos que chegam como verticalidades e que são propostas pelos agentes do capital, podem destruir parcial ou totalmente as horizontalidades até então existentes no espaço geográfico. Isso tanto se dá na dimensão do material (objetos, edificações, redes de comunicações etc.), quanto na dimensão imaterial (sistemas de valores, atitudes, comportamentos etc.). Compreender esse processo minimiza os impactos negativos associados à instalação do Camará Shopping e ressignifica os laços afetivos e de pertencimento que marcam a Vila da Fábrica.

A propósito das horizontalidades e verticalidades, Santos (2004, p. 50), faz a seguinte reflexão:

Horizontalidades e verticalidades se criam paralelamente. As horizontalidades são o alicerce de todos os cotidianos, isto é, do cotidiano de todos (indivíduos, coletividades, firmas, instituições). São cimentadas pela similitude das ações (atividades agrícolas modernas, certas atividades urbanas) ou por sua associação e complementaridade (vida urbana, relações cidade-campo). As verticalidades agrupam áreas ou pontos a serviço de atores hegemônicos não raro distantes. São os vetores da integração hierárquica regulada, doravante necessária em todos os lugares da produção globalizada e controlada a distância.

As verticalidades constituídas pelas ações dos agentes do capital e pelo Estado tendem a promover impactos nas formas e nos usos, tanto dos objetos inseridos no espaço, quanto na vida cotidiana dos moradores, ficando o lugar, singelo e rico em memória, completamente vulnerável à lógica vertical da mercadoria. Conforme ressalta Carlos (2001, p. 222),

O espaço é construído em função de um tempo e de uma lógica que impõe comportamentos, modos de uso, o tempo e a duração do uso. Há uma relação necessária entre os ritmos da vida e os usos e apropriação do espaço, e estes são delimitados com base na esfera da produção, invadindo a partir daí toda a sociedade.

E é nesse contexto que a vida cotidiana se vê difundida em outra dinâmica ajustando-se a novos modelos e padrões de comportamento que se organizam no plano do lugar, sendo este a outra categoria estudada neste trabalho de pesquisa. As formas de resistência presentes nas práticas cotidianas dos moradores do lugar possibilitam a fundamentação das relações socioespaciais existentes nesse local, pois como destaca Carlos (1996, p. 145),

A produção do cotidiano revela os conflitos humanos, as contradições da sociedade situadas no conjunto de problemas humanos de nossa época. O cotidiano não se restringe às atividades de rotina, nem tampouco a atos isolados, isto porque no cotidiano se realizam as coações e se gestam as possibilidades.

Os ritmos diferenciados que invadem o cenário da vida cotidiana e a reconstrução dos lugares tendem a reproduzir desigualdades diante dos padrões que mediam as relações dos indivíduos, o que reduz os laços destes com o lugar fazendo com que o espaço se fragmente e a vida cotidiana perca a força distanciando o indivíduo dos relacionamentos, causado pelo isolamento e imposto pelas transformações.

As práticas e dinâmicas do cotidiano, ainda renovam o espaço dentro de uma perspectiva de urbanização sendo apropriado refletir na narrativa: “Aqui o movimento global da economia invade a vida cotidiana pelo desenvolvimento da estrutura de circulação, pela generalização do processo de mercantilização do espaço, pela imposição das condições de reprodução do capital, que aparece como renovação urbana” (CARLOS, 2001 p. 285). É nessa conjuntura que pensamos as formas e as possibilidades do uso, buscando entender como o “novo” transforma o espaço em instantâneo marcando as articulações espaciais do morador com o lugar em cada época.

Tal como afirmou Souza (2013, p. 114): “[...] o lugar como um espaço percebido e vivido, dotado de significado, e com base no qual desenvolvem-se e extraem-se os sentidos de lugar e as imagens de lugar”. Nesse sentido, é possível afirmar que o espaço é composto de vida, vida essa, representada no plano do cotidiano, tendo o lugar e sua trajetória, contextos que auxiliam na perspectiva para pensarmos o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação, sendo esses, materializados em si, no movimento da história. Portanto, o lugar passa a trazer no seu contexto as possibilidades do movimento da mundialização, onde as virtualidades estão ligadas ao viver e ao habitar, ao uso e consumo e as formas de apropriação do espaço, seja numa escala local ou global.

O presente trabalho de pesquisa está organizado em cinco capítulos, estando eles distribuídos da seguinte maneira: no primeiro capítulo, a introdução traz um panorama de entendimento geral do trabalho. No segundo, é possível entender a contextualização da formação da Vila da Fábrica, sem perder de vista a inserção de Camaragibe na Região Metropolitana do Recife. No capítulo três, está exposto a análise da cidade como negócio, o shopping e seus agentes. Em seguida, no quarto capítulo, é possível apresentar uma análise das permanências relacionadas a fundação da Vila. Nesse o espaço vivido e o cotidiano dos seus



moradores, assim como as possíveis formas de resistência à recente dinâmica urbana, também são ressaltados. E, por fim, no quinto capítulo, destaca-se as considerações conclusivas deste trabalho de pesquisa, fazendo-se um contraponto com os capítulos anteriores.

## **2 SITUANDO CAMARAGIBE NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE E AS PRIMEIRAS MARCAS DO TEMPO DA VILA DA FÁBRICA**

Inserida na Região Metropolitana do Recife, a cidade de Camaragibe, de acordo com os dados do IBGE, possui atualmente, um contingente estimado de 157.828 habitantes e é caracterizada como uma típica cidade dormitório, onde a maior parte de seus moradores se desloca diariamente para o Recife a fim de exercerem suas atividades profissionais/estudantis. A palavra Camaragibe é um vocábulo indígena de origem tupi que significa “terra de camarás” (planta da família das verbenáceas). A cidade apresenta clima tropical com temperatura média de 25°C e pluviosidade anual em torno de 1691 mm, sendo o mês de junho o de maior precipitação. Situado a 37 metros de altitude, Camaragibe tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 8° 1' 14'' Sul, longitude: 34°58'54'' Oeste.

O município tem limite ao Sul com as cidades de São Lourenço da Mata e Recife, ao Norte com Paulista e Abreu e Lima, a leste com Recife e a Oeste com Paudalho e São Lourenço da Mata. Também, como em algumas cidades da costa brasileira e segundo Rafael (2011), Camaragibe possui ainda remanescentes da Mata Atlântica, onde é possível detectar, com facilidade, a presença de resquícios desse bioma, o que propicia ao lugar o rótulo de uma cidade arejada, segundo moradores e visitantes. Camaragibe ainda, segundo o IBGE, ocupa a 8ª posição no ranking de maior economia da microrregião de Pernambuco, com um PIB (Produto Interno Bruto) per capita, que gira em torno de R\$ 9.506,73 sendo o setor de serviços o mais representativo. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em 1991 era de 0,468, em 2000 foi para 0,582 e em 2010 chegou a 0,692 o que sinaliza uma melhora evolutiva nas condições relativas aos critérios de educação, longevidade e renda.

A marca da industrialização em Camaragibe iniciada no final do século XIX com a abertura da indústria de tecidos e o avanço da urbanização da metrópole nos dias atuais tornam os espaços até então tidos como periféricos, propícios aos avanços do capital financeiro tornando determinados lugares em áreas altamente valorizadas diante da metrópole. E é dentro desse contexto que o bairro da Vila da Fábrica em Camaragibe se posiciona atualmente, vez que sua história e localização contribuíram para implantação do mais novo empreendimento da cidade, o Camará Shopping que desde sua inauguração em 2018 fomenta um movimento de valorização local que carrega o lugar com vetores considerados importantes, estando eles relacionados ao local de moradia, lazer e facilidades que auxiliam a vida cotidiana de seus moradores.

Por esse ângulo, é possível notar com clareza que antigos espaços de uso industrial, inserido na Região Metropolitana do Recife, tonam-se atrativos para a realização de estratégias dos agentes hegemônicos da produção do espaço, sejam eles grandes construtoras, incorporadoras, imobiliárias e empresas financeiras. Todos esses agentes articulados ao poder do Estado, são responsáveis por arquitetar novos espaços atrativos para o consumo, introduzindo nesses espaços empreendimentos modernos que transformam a paisagem do lugar e, mais do que isso, alteram sobremaneira a vida de seus moradores, ou seja, o cotidiano do lugar.

Segundo Carlos (2001), as instalações de novos empreendimentos estão geralmente atreladas a um discurso ideológico de crescimento e desenvolvimento pautados na inserção de objetos, formas e valores utilizados e difundidos por discurso hegemônico dos agentes públicos e privados responsáveis pela produção do espaço. Isso altera a dinâmica de usos e promove valorização econômica do lugar, resultando na mercantilização do espaço urbano, sem falar nas alterações das relações dos moradores, ou seja, daqueles que vivem a e na cidade, no caso em análise, na Vila da Fábrica em particular. O que para alguns se coloca como algo positivo, pois traria benefícios como aumento da oferta de emprego e novas possibilidades de renda, para outros pode significar a alteração de um cotidiano que é a marca do tempo no contexto daquele espaço vivido.

Tal problemática deixa claro que o estudo do cotidiano passa por considerar a dimensão temporal do uso da cidade, tal como adverte Arrais (2017). O cotidiano contém na essência o espaço vivido, constituído de relações de pertencimento, construções de laços identitários e a conformação daquilo que na Geografia é chamado de lugar, um dos conceitos-chave desta ciência. Nesse sentido, o estudo do cotidiano envolve analisar as marcas do tempo na paisagem, como ela enquanto materialização do transcurso do tempo, deixa marcas que nada mais são do que as rugosidades espaciais, tal como defendido por Santos (2004).

Além disso, sob um olhar do materialismo histórico dialético, o estudo do cotidiano também implica considerar os conflitos que resultam dos distintos jogos de interesse envolvendo a produção e reprodução da cidade. Nesse contexto, o lugar enquanto dimensão do vivido não escapa aos conflitos e contradições resultantes de visões e práticas distintas sobre a cidade. A forma como um morador antigo e o promotor imobiliário pensam e agem na cidade, ou ao menos em determinados recortes dela, pode ser completamente distinta e por que não dizer divergente entre si. Por conta dessa dupla perspectiva de viver e atuar na Vila da Fábrica como recorte de Camaragibe e da RMR, é que se enxerga a importância de tanto a abordagem

do lugar enquanto espaço vivido, quanto da produção do espaço sob a perspectiva do capital, são necessárias para se compreender as transformações e permanências que se desenrolam atualmente no referido recorte espacial da pesquisa.

Um dos aspectos geradores dessas distintas visões de ver e atuar na cidade é, sem dúvida, a ideologia do crescimento e de progresso, tão presentes nos discursos dos agentes capitalistas que atuam hegemonicamente na cidade. Nesse caso, há o conflito entre a visão da cidade como valor de uso (para muitos moradores) e como valor de troca (para os empreendedores econômicos e via de regra também para os agentes públicos). Para Santos (2004, p.21):

A ideologia do crescimento, no nível da nação e do Estado, e a ideologia do consumo, no nível dos indivíduos, são o motor da introdução de novas formas de produção. Vivemos numa época em que o superestrutural se adianta ao estrutural, não somente para preparar o seu advento como também para determinar-lhe os contornos.

Dessa forma pode-se dizer que a ideologia do crescimento e do desenvolvimento contribui para firmar as determinações de como o espaço é produzido socialmente e de como essa produção induz a novas formas de apropriação que se confrontam com práticas tradicionais de uso e apropriação do espaço como lugar. Assim, as transformações e permanências socioespaciais da Vila da Fábrica expressa esse jogo, que se manifesta na escala local, mas ao mesmo tempo é parte de um quadro mais amplo do capitalismo que se manifesta em escala global. O par dialético transformações e permanências na Vila da Fábrica não se explicam por si só, isto é, se insere num contexto maior em que local e global estão interligados e se interdependem. Além de tudo isso, para ter clareza desse jogo de escalas geográficas, é necessário saber, também, o que é Camaragibe como município metropolitano do Recife.

O município de Camaragibe, de acordo ainda com o último censo, possui 9,1% de sua população ocupada com uma média salarial de 1,8 salários-mínimos entre os trabalhadores formais e apresenta 40.5% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, o que o deixa na posição 107 quando comparado aos outros 185 municípios do Estado. Camaragibe se insere a um quadro que compõe a Região Metropolitana do Recife sendo um dos quinze municípios que representam esta região, considerada a maior do Nordeste e a 5ª maior região do país.

Para uma melhor compreensão de como o espaço de Camaragibe foi produzido ao longo do tempo, é importante voltar a história para relacionar os usos e as relações com os primeiros moradores da Vila da Fábrica. A forte identidade que liga as pessoas ao espaço vivido tem um caráter local que é o lugar. Esse, espelha uma morfologia social estratificada e diferenciada

enquanto fragmento que se revela simultaneamente. Segundo Santos (2014), o processo social é marcado pelas heranças que repercutem nas etapas seguintes do tempo se materializando através do espaço, onde os elementos herdados são nomeados por *rugosidades*. Como destaca em seu comentário:

Chamamos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. (SANTOS, 2014, p. 140).

Assim, as rugosidades se apresentam nos restos das associações do capital utilizadas em cada época, bem como suas combinações técnicas e sociais, nos restos da divisão do trabalho já passadas e nas formas arquitetônicas residuais cristalizadas através dos objetos pertencentes ao lugar desde sua fundação. Diante disto, verifica-se que a atual morfologia existente na Vila da Fábrica repousa sobre formas herdadas de um passado caracterizado por uma dinâmica de combinações, reveladas ao longo deste trabalho de pesquisa.

A história do município de Camaragibe está ligada aos primórdios do século XVI, quando a cultura da cana-de-açúcar despontara na área que hoje é identificada como Zona da Mata de Pernambuco, marcando o lugar com a construção do Engenho Camaragibe, primeiro dessa localidade, construído em 1549 (Figura 2). Segundo Lemos (2012), tal acontecimento teria sido registrado em carta de Duarte Coelho, primeiro donatário da capitania, escrita para o Rei de Portugal D. João III.

Figura 2 – Vista frontal do Engenho Camaragibe, início do séc. XX



Fonte: FUNDAJ (2019)

Ainda segundo autor supracitado, o Engenho Camaragibe era considerado um dos mais prósperos da região, porém em 1645, diante de um conflito com os índios Camarás, ele foi incendiado e só recuperado anos depois. O casarão do engenho (Figura 3), atualmente conservado, mantém ainda em sua estrutura arquitetônica traços da época do ciclo da cana-de-açúcar. Conhecido hoje em dia como a “Casa de Maria Amazonas”, na verdade sua última proprietária, foi tombado pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) e é um dos pontos turísticos do município.

O casarão ainda serve de palco para apresentação da peça teatral “*Senhora de engenho, entre a Cruz e a Torá*”, evento que acontece anualmente no mês de agosto e que é bastante apreciado pelas pessoas por retratar a vida dos primeiros proprietários do Engenho Camaragibe. O evento é produzido pela Companhia Popular de Teatro de Camaragibe, patrocinado por comerciantes locais e tem o apoio da Prefeitura do município.

Figura 3 - Casarão do Engenho Camaragibe



Foto: A autora (2019).

A construção de engenhos provocou o povoamento gradual do território que hoje é o município de Camaragibe, o qual se emancipou do município de São Lourenço da Mata em 14 de maio de 1982, por meio da Lei Estadual nº 8951. Vale frisar ainda que, atualmente, o casarão do engenho é conhecido também como Casa Rosa. Trata-se de um edifício emblemático que se confunde com a própria história da cidade.

Outro ponto a ser destacado é que a casa do antigo engenho foi importante objeto para estabelecer, na época do cultivo da cana-de-açúcar, a dinâmica do lugar. Na verdade, tal atividade econômica foi o elemento considerado mais importantes para a fixação do colonizador nas terras de Camaragibe, antes habitada apenas pelos indígenas da nação camará. Sem pretender enveredar por essa discussão histórica, vale apenas frisar que a produção do espaço colonial a serviço dos interesses da metrópole portuguesa nessa área se deu como uma verticalidade que desestruturou o território como espaço vivido dos índios camarás.

Conforme ressalta Lemos (2012), é só no final do século XIX, com o declínio da atividade econômica canavieira, que surge com Carlos Alberto de Menezes, a ideia de fundar uma fábrica de tecidos em Camaragibe. A indústria têxtil seria uma inovação para o lugar e teve, na época, um dos homens mais ricos de Pernambuco como financiador do projeto, Pereira Carneiro. O projeto, em sua totalidade, incluía também, a construção de uma vila operária com casas e toda estrutura que viabilizasse a moradia de seus funcionários.

Segundo Collier (1996), a Fábrica de Tecidos de Camaragibe fazia parte da Companhia Industrial Pernambucana (CIP), fundada no ano de 1891. O engenheiro civil e amigo de Carneiro, Sr. Carlos Alberto de Menezes, ficou encarregado de elaborar o projeto de construção dessa unidade fabril. Antes da construção, Menezes viajou à cidade do Rio de Janeiro, cujo objetivo era colher informações sobre o funcionamento das indústrias de tecelagem lá existentes. A segunda viagem, executada ainda no mesmo ano, foi para conhecer em detalhes a região do Val de Bois, na França, onde conheceu o Sr. Leon Harmel, proprietário de uma fábrica de tecidos que tinha como anexo uma vila de casas com o propósito de acomodar seus operários.

Durante a construção da Vila da Fábrica, o engenheiro Carlos Alberto de Menezes contou com a grande ajuda do então colega de profissão Sr. Pierre Collier, que adveio da França, inicialmente para essa proposta. Contudo, tornou-se seu genro, casando com sua filha mais velha. De acordo com Lemos (2012), as ideias de Pierre, quanto à fábrica e a seus funcionários, sempre visaram além do lucro, o bem-estar coletivo. Collier assumiu a gestão geral da fábrica quando Carlos Alberto faleceu.

Naqueles tempos, era fundamental construir uma vila operária para que os trabalhadores morassem próximo do emprego, ante as maiores dificuldades de mobilidade urbana e, também, de assegurar um contingente mais efetivo de mão-de-obra qualificada para aquele tipo de atividade. Foi nesse contexto que foi construída a Vila da Fábrica em Camaragibe e, não por acaso, recebeu tal denominação. Isso significa que, por décadas, a rotina do cotidiano da vila se confundia com a própria rotina da fábrica, seja pelo dia a dia dos trabalhadores, seja pelo som do apito da fábrica que soava em toda a vila, informando os horários de início e término de cada turno.

Ainda hoje, mesmo que parte do edifício da fábrica tenha sido transformado num shopping center, o apito é acionado como forma de tentar estabelecer o elo desse novo equipamento urbano com os moradores do entorno, ainda que o sentido e a funcionalidade sejam completamente distintos. Ou seja, o apito hoje em dia é muito mais uma estratégia de marketing do shopping, que busca tocar na memória afetiva dos moradores, passando a ideia de que o tempo passado permaneceria naquele espaço. Na prática, a paisagem da vila mantém muito de sua forma original, mas o lugar assume novas funcionalidades e transformações.

Ainda é válido frisar que o ano de 1894 é o marco da fundação da vila e, também, da inauguração da fábrica, redefinindo as relações dos sujeitos com esse espaço. A fábrica encerrou totalmente suas atividades no ano de 2004. Entre este último ano e 2018, a Vila da Fábrica se constituía na memória de muitos de seus moradores com um espaço da saudade.



Agora, com a implantação do shopping, criam-se novas expectativas, tanto positivas, quanto negativas sobre o cotidiano da Vila da Fábrica, tal como será analisado no capítulo 3, sobre o significado da chegada do Projeto Reserva Camará e o seu primeiro grande empreendimento – o shopping center. Mas é principalmente no capítulo 4 que essas expectativas serão mais bem analisadas, ao tratar do olhar dos moradores sobre a nova dinâmica do lugar.

Nos dias atuais ainda é possível notar a presença de objetos construídos naquela época, porém com formas de uso distintas diante das reformas inevitáveis que aconteceram com o tempo. Menezes, engenheiro formado pela Escola Central, que viria a se transformar em Politécnica do Rio de Janeiro, não só pensou na construção da fábrica e das casas da Vila, mas em todos os outros objetos que possibilitassem a vida em comunidade. Tudo espelhado na estrutura existente em Val-des-Bois, França. Desse modo, se os processos de produção desse fragmento do espaço urbano carregam, nos dias de hoje, relações com agentes e escalas que conectam o local a processos de caráter globalizante do ponto de vista da dinâmica do capital, já naquela época, a implantação da Fábrica de Tecidos de Camaragibe, de certo modo, seguia tendências exógenas ao lugar.

O projeto de implantar a fábrica de tecidos exigia pensar bem além da fábrica propriamente, como a existência de outros recursos necessários para a própria construção do prédio e da vila operária. Assim, foi construída inicialmente a olaria, onde foram produzidos os tijolos para edificar a indústria e as residências para seus operários. É dito por alguns moradores que a olaria produzia dezoito mil tijolos por cada dez horas trabalhadas e que tanto a fábrica quanto as casas da Vila da Fábrica foram construídos com esses tijolos. Essas obras ocasionaram, na época, a maior alteração morfológica que esse espaço já tinha tido, pois antes o que predominava eram objetos, técnicas e ações relacionadas ao cultivo de cana-de-açúcar.

Logo, as práticas e dinâmicas do cotidiano nessa época renovariam o espaço dentro de uma perspectiva de urbanização, o que perduraria por mais de um século. Sobre a história da criação da Vila da Fábrica (Figura 4), é importante citar como os objetos e formas iniciais foram idealizados para assim entender o valor simbólico que o lugar carrega como um todo. Para tanto, buscar reconstituir a iconografia, por meio de imagens das construções e paisagens do lugar se coloca como algo que aproxima o leitor dos tempos de outrora, que marcavam o cotidiano da Vila da Fábrica.

Figura 4 – Aspecto da Rua Muniz Machado, início do séc. XX



Fonte: Fundação de Cultura de Camaragibe (2019).

Quando a fábrica de tecidos passa a funcionar no final do século XIX todo um processo de transformação espacial acontece em Camaragibe, já que essa área era reconhecida apenas pela presença de seus engenhos. Isso significa que tal empreendimento se coloca como o principal objeto espacial que sinaliza a chegada da vida urbana local, mesmo que as marcas do cotidiano da cana-de-açúcar não desapareçam por completo, até por permanecer como principal lavoura até os dias de hoje em toda a Zona da Mata, inclusive em Camaragibe e outros municípios vizinhos, como é o caso de São Lourenço da Mata.

Contudo, nos novos tempos de vida urbana, a rotina do lugar passa a ser dominada pelo fluxo de pessoas se dirigindo da vila à fábrica para o início do turno de trabalho, ou no sentido contrário, quando a jornada terminava. Ainda que se faça aqui o esforço de considerar esse objeto espacial como indutor de um novo perfil de vida pautado na urbanização, uma rápida visualização da paisagem da época mais sugere uma fábrica “perdida no meio do mato” (Figura 5).

Figura 5 - Operários dirigindo-se à Fábrica de Tecidos de Camaragibe, início do séc. XX



Fonte: Fundação de Cultura de Camaragibe (2019).

Considerando a visualização da imagem na figura supracitada, é válido destacar o porte do conjunto arquitetônico que compunha a fábrica. De acordo com Lemos (2012 p. 87 e 105), “A fábrica de tecidos de Camaragibe foi construída numa esplanada de 10.000 m<sup>2</sup> e só pôde ser erguida por conta da olaria que ficava ao lado e que chegava a produzir 18 mil tijolos de barro seco a cada 10 horas de trabalho”. Isso foi essencial para a construção também das casas, das escolas, da igreja e de todos os objetos idealizados para a vila. Nota-se que a implantação de uma vila operária não consistia apenas na construção de casas, mas de outros equipamentos essenciais à reprodução da vida urbana, como escola e templo religioso.

Por se tratar de um grande equipamento fabril para os padrões da época, havia um grande “exército” de mão de obra, formado por mulheres e homens adultos, como também menores de idade. De acordo com Lemos (2012, p. 82),

Trabalhavam na fábrica de tecidos de Camaragibe 731 operários, sendo 376 homens, 238 mulheres e 117 meninos. [...] a divisão do trabalho é feita de forma a evitar a confusão e aglomeração de pessoas de sexo e idades diferentes; assim as salas reservadas aos homens são a preparação da fiação, as urdideiras, o alvejamento, a tinturaria, as salas de preparo e as oficinas; aos meninos a fiação; as mulheres e meninas as enchedeiras e remetedeiras.

Observa-se que para além de um grande número de trabalhadores, havia ainda uma complexa divisão do trabalho, contemplando distintos papéis exercidos pelos operários. Com

isto, é possível pensar sobre o processo das técnicas implantadas com a Fábrica de Tecidos de Camaragibe e entender a influência que elas impunham aos modos de relação entre os sujeitos e o espaço usado por eles. Entendimento claro encontrado em Santos (2014) quando fala que a técnica adapta o sujeito à lógica do instrumento. Nesse contexto, vale destacar o quão importante é a consideração da técnica como elemento elucidativo da sociedade e, portanto, do espaço em cada contexto histórico.

Atualmente, mesmo com a implantação do primeiro empreendimento do megaprojeto urbano Reserva Camará, ou seja, do Camará Shopping, grande parte da estrutura arquitetônica da fábrica permanece em ruínas, tal como se nota na figura 6. Trata-se, por assim dizer, de uma rugosidade espacial, pois carrega consigo as marcas do tempo que se foi. Mesmo a refuncionalização desse espaço como parte do mencionado projeto imobiliário, isso não significará um retorno ao tempo, pois o que há do tempo pretérito são apenas as rugosidades presentes na paisagem. Sendo assim, como bem diz Santos (2014), é por meio do espaço que o tempo se materializa e isso é ainda mais verdade quando se trata de contextos temporais pretéritos, marcados então por rugosidades espaciais.

Figura 6 - Fachada do prédio atualmente em ruínas da Fábrica de Tecidos de Camaragibe



Foto: A autora (2019).

Assim, aproveitando-se da enorme área da fábrica, sua história de vinculação com o lugar e numa perspectiva de expansão dos shopping centers no segmento de varejo, que em maio de 2018 foi inaugurado o Camará Shopping, em parte do terreno onde funcionava a fábrica (Figura 7). Tal empreendimento traz atrelado a si uma proposta robusta de transformações para



a Vila da Fábrica, já que o projeto em sua totalidade é composto pela construção de residenciais e empresariais, sendo parte do megaprojeto urbano Reserva Camará.

Figura 7 - Ruínas da Fábrica de Tecidos de Camaragibe, à esquerda, e prédio do Camará Shopping, à direita



Foto: A autora (2019).

No contexto desse cenário, debater a relação entre as transformações e as permanências socioespaciais ocorridas na Vila da Fábrica após a implantação do Camará Shopping, justifica-se, uma vez que empreendimentos deste porte, quando inseridos nos antigos espaços tidos como industriais, impõem uma nova lógica espacial, funcionando como indutor de valorização do solo urbano e estabelecendo novos conflitos socioespaciais. Esses equipamentos tendem a destruir parcial ou totalmente as horizontalidades até então existentes, seja na dimensão do material (objetos, edificações, redes de comunicações etc.), seja na dimensão imaterial (sistemas de valores, atitudes, comportamentos etc.). Nesse sentido, torna-se essencial desenvolver uma análise sobre os fatores que impactam na vida cotidiana dos moradores da vila histórica e no fluxo das estratégias traçadas pelos agentes responsáveis pelo shopping.

O empreendimento obedece a uma configuração moderna e de padrão mundial cuja moradia passa a ser um instrumento que acaba impactando em um novo processo de valorização do solo. Assim, a Vila da Fábrica ganha maior visibilidade com a construção do Camará Shopping, que após inauguração em 2018 passa a oferecer, novas dinâmicas e usos do espaço. Reconhecido por muitos residentes da vila, o estabelecimento chega como um fator possibilitador de melhora de infraestrutura, o que, na visão deles, viabiliza, o surgimento de mais trabalho e renda para o lugar.

### **3 A CIDADE COMO NEGÓCIO: O EMPREENDIMENTO CAMARÁ SHOPPING E SEUS AGENTES**

Neste capítulo, faz-se, inicialmente, um breve registro sobre as reflexões teóricas essenciais para a compreensão das transformações em curso, referentes à implantação do Camará Shopping, o qual, como já foi dito, corresponde à primeira etapa do megaprojeto urbano Reserva do Camará. Sendo assim, começa-se pela abordagem, subjacente a toda pesquisa, que se refere à produção do espaço. A intenção, neste trecho não será de esgotar o tema, até porque se compreende que a sua amplitude, complexidade e limitações são aspectos inacabáveis. Neste capítulo, vislumbra-se pontuar a abordagem teórico-metodológica considerando o espaço como produto, meio e condição da sociedade (CARLOS, 2001), objetivando analisar como as transformações e permanências presentes na produção desse espaço, envolvem também agentes que materializam a ação do capital.

#### **3.1 A abordagem teórico-metodológica de produção do espaço**

Ainda como parte introdutória deste capítulo, é válido ressaltar a formulação teórica de Santos (2014), que concebe espaço como um conjunto indissociável, solidário e contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações. Para o autor, o espaço constitui um quadro único desses sistemas, por isso que são considerados como inseparáveis. Se, de um lado, particularmente os objetos técnicos são cada vez mais portadores de um complexo conteúdo informacional que designa sua complexidade estrutural e funcional, de outro, as ações são tanto locais como extralocais. Contudo, conforme o pensamento do autor em contexto, é cada vez mais comum a realização de ações cujo comando e controle são exógenas ao lugar. Elas se impõem no território como verticalidades e se impõem com muita força para desestruturar as horizontalidades até então já existentes.

Ora, no contexto do objeto empírico desta pesquisa, a tomada de decisão referente à implantação do megaprojeto urbano Reserva Camará é uma expressão cabal do postulado teórico anunciado no parágrafo acima. Nele, está prevista a implantação de novos objetos como torres residenciais e de serviços e, em outros, a requalificação de velhos objetos espaciais (o prédio da fábrica, por exemplo) para possibilitar o exercício de novas funções.

A complexidade estrutural e a funcional se coadunam para o estabelecimento de uma nova funcionalidade da antiga fábrica, a qual agora funciona como um shopping. As ações envolvem tanto o campo da tomada de decisões por parte dos agentes hegemônicos (poder público e iniciativa privada diretamente envolvidos) para a implantação do empreendimento, quanto das novas etapas do projeto. Elas ainda se referem a mudanças feitas ou por fazer no sistema viário para assegurar o maior afluxo de consumidores ao shopping.

De forma indireta, há ainda ações que se desenrolam no âmbito do mercado e que podem resultar em processos de valorização do solo urbano na até então pacata Vila da Fábrica, impondo mudanças significativas no cotidiano dos seus moradores, inclusive com a chegada de novos moradores. Pensar a produção do espaço como parte intrínseca dos sistemas de objetos e sistemas de ações é, desse modo, ter clareza que a entrada em cena de novos agentes econômicos pode estabelecer uma nova centralidade urbana nessa área que de 2004 a 2018 era essencialmente constituída por rugosidades espaciais. Os agentes econômicos de que se fala aqui são o consórcio empresarial dono do megaprojeto e sabe-se muito bem que a cadeia de decisões envolve a cumplicidade e apoio explícito do Estado.

Mediante a importância dos processos de produção e de reprodução espacial, é possível captar as transformações que a sociedade impõe ao espaço, estando envolvidos nesse dinamismo, as intenções, os interesses, os conflitos, as vontades e os modos de vida. Sob esse aspecto, pode-se dizer que a produção do espaço tem tanto uma dimensão material como imaterial, envolvendo as edificações, vias de tráfego, como também os desejos, necessidades e os vários interesses em jogo. Buscar examinar esse processo é fazer uso de uma abordagem teórico-metodológica que nos traz a possibilidade de compreender as relações da dinâmica do capital e da sociedade com o espaço. Muitos autores que se apoiam numa base materialista defendem essa perspectiva analítica, estando entre os mais frequentes e aqui mencionados, Milton Santos, Ana Fani Alessandri Carlos e Marcelo Lopes de Souza.

Consoante com essa forma de análise espacial, no contexto do urbano, tem-se o espaço como uma importante dimensão da sociedade, onde o processo de produção relata a dinâmica e as contradições próprias do modo de produção capitalista. Na cidade, isso acontece de forma permanente, quando os agentes responsáveis por essa produção, estabelecem através de seus interesses e necessidades a criação e a recriação de objetos a serem inseridos nesse espaço. Esses objetos, sejam eles edifícios, praças, ruas, monumentos e até equipamentos de maior porte, estabelecem um conjunto de objetos que refletem num conjunto de ações proporcional ao potencial de decisão de cada agente envolvido nesse espaço.

É válido ressaltar, conforme Carlos (2001), que a reprodução da cidade se refere a um processo de transformações históricas que repercute na constituição do espaço urbano em cada época vivida. Ainda de acordo com a autora, a análise desse processo requer a justaposição de diversos níveis da realidade, estejam eles no âmbito político, econômico e social. Atualmente, num cenário cada vez mais dominado pelas forças do capital, novos sistemas de objetos se põem à disposição das forças mais poderosas, quando não são deliberadamente produzidas para seu exercício (SANTOS, 2014).

Falar da produção capitalista do espaço, significa pensar que a reprodução socioespacial não se estabelece de forma igualitária, onde os agentes sociais concretos têm as mesmas forças de ação para tal. Isto permite afirmar que a produção do espaço, principalmente no contexto da periferia da periferia do capitalismo<sup>2</sup>, é um processo ainda mais carregado de contradições. Ou seja, não se pode perder de vista que Camaragibe é parte de um quadro periférico do Brasil, que, por sua vez, se situa na periferia do capitalismo mundial. Esse jogo de escalas precisa ser levado em conta para buscar identificar certas especificidades da produção espacial local.

Uma grande contradição apontada por Carlos (2001) é que a produção do espaço se dá através de uma ação coletiva, quando na realidade está representada por uma lógica inerente a propriedade privada. Nessas circunstâncias o espaço produzido coletivamente por uma sociedade é considerado como mercadoria, vez que fica sujeito às estratégias dos agentes financeiros voltadas às necessidades de reprodução. A recriação desses objetos específicos, muitas vezes, foge ao desejo dos habitantes e, sobretudo, se sobrepõe, de modo coercitivo, também a seus desejos. (CARLOS, 2001). Eis a lógica da cidade enquanto mercadoria com toda sua força, ainda que se reconheça que, para muitos moradores e a outros agentes sociais, particularmente na esfera do espaço vivido, a lógica da cidade-mercadoria não é a vigente. Porém, é a lógica dos agentes capitalistas hegemônicos e, muitas vezes, é a que prevalece.

Os fatores que iniciam um processo de revalorização do lugar no espaço da Vila da Fábrica, por meio dos agentes do capital e apoiado pelo Estado, promovem uma disputa quanto ao uso do solo urbano. Evidenciados nesse recorte espacial estudado, que os agentes econômicos enxergados como empresários, têm relação direta com aqueles que intervêm nos projetos de alterações urbanas previstas para o bairro. O Estado compreendido como agente político, seja enquanto Prefeitura Municipal ou como Governo Estadual, tem o poder de criar,

---

<sup>2</sup> A expressão periferia da periferia designa a condição duplamente periférica da RMR, que faz parte da periferia do capitalismo brasileiro e que este, por sua vez, faz parte da periferia do capitalismo mundial.



suprimir e até de eliminar formas e usos. Via de regra, suas ações estão articuladas a uma objetivação nem sempre explicitadas a todo o universo social.

Assim, os agentes responsáveis por esses projetos que introduzem verticalidades no espaço, juntamente com a força do poder público representado pelo Estado, revelam toda uma intenção que se enquadra na lógica do capital contemporâneo. Como diz Santos (2004, p. 27), “Ademais, é doravante impossível analisar o espaço e sua evolução sem levar em conta o papel do Estado na vida econômica e social”. Logo, quando o Estado se torna um aliado, um elemento ativo no cenário da economia, o mecanismo de modificações nas relações socioespaciais é inevitável. Nesse caso, o lugar passa a trazer no seu contexto as possibilidades do movimento da mundialização, onde as virtualidades estão ligadas ao viver e ao habitar, ao uso, ao consumo e às formas de apropriação do espaço, entre outras, seja numa escala local ou global.

### **3.2 O megaprojeto urbano Reserva Camará**

O megaprojeto urbano Reserva Camará nasceu do consórcio constituído pela aliança das empresas A. B. Côte Real, Carrilho FMSA, Casa Grande Engenharia, Masf e Moderno Empreendimentos. De forma semelhante ao que é dito em outros tantos empreendimentos recentes desse porte, os promotores imobiliários fazem apologia à sustentabilidade, por meio do uso de técnicas inovadoras na geração de energia alternativa. Na verdade, sem apresentar qualquer detalhamento das supostas bases dessa “sustentabilidade”, vê-se que isso é muito mais jogo de marketing do negócio, afinal de contas, a sustentabilidade é uma das três matrizes discursivas<sup>3</sup> mais recorrentes dos empreendimentos imobiliários na atualidade (PADUA, 2015).

Como já dito, o Camará Shopping, integra o Projeto da Reserva Camará, que é composto também por torres residenciais, torres empresariais, museu, centro de convenções, hotel e faculdade. De acordo com seus idealizadores, o projeto ainda prevê a preservação de oito hectares de fauna e flora, sendo toda a construção pensada para atrair parte da população que está inserida numa área de influência, localizada ao entorno do empreendimento e, que possui um potencial de consumo anual médio em torno de R\$ 1,3 bilhão. Esses dados foram fornecidos pelo consórcio e são apenas dados mais gerais que são disponibilizados pelos empreendedores,

---

<sup>3</sup> De acordo com Padua (2015), três matrizes discursivas compõem a retórica dos anúncios dos empreendimentos imobiliários: a sustentabilidade, a qualidade de vida e a segurança. Cada um desses três elementos carrega consigo várias “qualidades” que funcionam, no plano do discurso, como atributos de valor a tais empreendimentos.

já que as informações mais estratégicas são restritas a eles mesmos ou divulgados ao mercado em momentos que julgam oportuno.

Na figura 8, a seguir, observa-se uma imagem aérea com uma breve demonstração visual do que preveem para o megaprojeto Reserva Camará. Na verdade, trata-se de uma imagem tratada em computador, com a inserção da maquete parcial do megaprojeto. Caso ele realmente se confirme, ao menos três fragmentos espaciais merecem ser destacados, tal como é mostrado a seguir, na figura 8: o setor constituído pelo Camará Shopping, já inaugurado, mesmo que não esteja funcionando em sua plenitude; o setor formado por torres residenciais e um complexo de serviços chamado de Reserva Camará; e, por fim, a área da Vila da Fábrica. Embora esta última não faça parte do referido megaprojeto imobiliário, sua localização contígua e seus vínculos históricos com a antiga fábrica (hoje shopping), sua transformação é praticamente inevitável, como, aliás, já está acontecendo com a inauguração da primeira etapa, tal como será analisado no próximo capítulo.

Figura 8 – Objetos espaciais do megaprojeto imobiliário e a situação da Vila da Fábrica



Fonte: Autora (2019).

Embora a imagem não permita observar o nível de detalhamento como o perfil arquitetônico e socioeconômico das moradias da Vila da Fábrica, nota-se ao menos que se trata de uma área com perfil eminentemente residencial e ladeada por uma expressiva área de vegetação nativa. Caso as demais etapas do megaprojeto sejam implementadas, o impacto na área será altíssimo, não apenas no contexto imediato da vila, como do agravamento da mobilidade urbana, já que o sistema viário é muito precário nessa área, com vias de tráfego

estreitas e já congestionadas nos dias de hoje. Uma das ações básicas nessa área seria o redimensionamento das vias de tráfego e a melhoria do sistema de transporte público de passageiros, muito deficiente para atender o contingente atual de usuários.

Os agentes imobiliários responsáveis pelo projeto âncora do megaprojeto urbano Reserva Camará direcionam suas obras, predominantemente, a um padrão de público que esteja enquadrado nas faixas classificadas como A e B, segundo site oficial da Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa (ABEPE), esses dados classificatórios estão pautados no ganho quantitativo em salários mínimos (SM), que demonstram o ganho *per capita* familiar enquadrado em cada faixa salarial, estando a faixa “B” para as famílias com ganho de 10 a 20 SM e a faixa “A”, para as famílias com renda acima de 20 salários mínimos.

Com foco nos lugares tidos como bordas dos subcentros, esses agentes foram atraídos pelo contexto histórico da Vila da Fábrica, o que os fizeram decidir pelo lugar, conforme se pode notar no relato da funcionária do setor comercial do Camará Shopping, quando questionada sobre qual o motivo da escolha do bairro para implantação do empreendimento: “Pela história da fábrica e da vila operária e ainda da reserva, porque o shopping é um empreendimento sustentável” (ENTREVISTADA 6, out. 2019).

Tal como já ressaltado, o apelo a uma suposta sustentabilidade é algo muito recorrente na narrativa dos agentes do capital. Fala-se nesse termo como uma palavra solta, como se fosse vazia de significado. Ora, mesmo que muitos estudiosos considerem que a sustentabilidade foi apropriada e manipulada pelo capital como mais uma peça de marketing, seria no mínimo razoável ao se fazer uso do termo, deixar claro em que bases ela se sustentaria.

Quando questionados sobre o prazo de conclusão do megaprojeto Reserva Camará, os entrevistados envolvidos com a construção do shopping não quiseram responder. A bem da verdade, não é fácil estabelecer prazos para as várias etapas de um megaprojeto, pois isso tanto dependerá das condições do mercado, quanto é parte do próprio jogo, esconder para evitar eventuais antecipações espaciais promovidas por outras empresas concorrentes. Faz parte da estratégia de sigilo empresarial, ainda não podendo ser revelado com precisão. Isso mostra o quão importante é como o capital trabalha com o fator tempo para a efetivação de seus negócios.

Tal como apontado por Barbosa (2014), de posse de informações estratégicas produzidas por eles próprios sobre o recorte territorial onde vão atuar, ou mesmo tendo acesso privilegiado de informações oficiais sobre possíveis e novas intervenções e decisões do Estado, os agentes capitalistas imobiliários adquirem expertises na forma de lidar com o tempo, para

que, no que julgam como o tempo certo mais oportuno, anunciem nova etapa dos seus empreendimentos. Da mesma forma, são habilidosos em esconder grande parte de suas intencionalidades para o lugar, até para, na medida do possível, também se prevenirem da atuação da concorrência.

Mudanças espaciais geralmente redefinem os lugares tornando evidente as necessidades até então não atendidas, mas que têm grande relevância para a população, como exemplo pode-se citar: novos zoneamentos, alargamentos de avenidas, melhor escoamento do trânsito, mudanças na direção dos fluxos, etc. Tudo promovendo, ao mesmo tempo, um processo de valorização unidos às estratégias dos agentes do capital financeiro que muitas vezes não é capaz de atuar para uma totalidade sedenta ainda de necessidades básicas.

Além disso, a superestrutura do complexo deverá acarretar fortes impactos aos moradores da Vila da Fábrica, sejam nas alterações das formas dos objetos já existentes, sejam na vida cotidiana dos habitantes, imprimindo nesse espaço modificações no modo de vida, bem como nos processos das práticas socioespaciais e, em termos materiais, há a tendência de uma valorização excessiva do solo urbano. Como diz Carlos (2001, p. 222), “O espaço é construído em função de um tempo e de uma lógica que impõe comportamentos, modos de uso, o tempo e a duração do uso. Há uma relação necessária entre os ritmos da vida e os usos e apropriação do espaço, pois é no lugar que encontramos o cenário propício para pensar a vida em sociedade, bem como os processos de uso, consumo e apropriação do espaço.

Na verdade, a instalação de novos empreendimentos está sempre atrelada a um discurso ideológico de crescimento e desenvolvimento pautados na inserção de objetos, formas e valores utilizados e difundidos por uma classe com um maior padrão de consumo. Isso provoca a produção de novos usos e valorização do lugar impactando, conseqüentemente, na mercantilização do solo da cidade, sem falar nas alterações das relações dos sujeitos com esse espaço modificado. A reflexão de Carlos, a seguir, oferece subsídios bastante elucidativos sobre as contradições que encerram a produção do espaço.

O espaço aparece como obra histórica que se produz, continuamente, a partir das contradições inerentes à sociedade, produzidas com base em relações sociais assentadas em relações de dominação-subordinação/uso-apropriação, que produzem conflitos inevitáveis que tendem a questionar o entendimento da cidade exclusivamente como valor de troca e, conseqüentemente, as formas de parcelamento e mercantilização do solo urbano (CARLOS, 2001 p. 38)

Tal como visto neste capítulo, o espaço é carregado de valor estratégico não só para a atuação dos agentes capitalistas imobiliários, como é, também, a base por excelência da reprodução da sociedade. Grande parte das disputas e interesses no contexto da cidade capitalista envolve a dimensão territorial, sendo o espaço uma instância explicativa da sociedade. Os agentes responsáveis pelo megaprojeto urbano Reserva Camará exercem atuação local e fazem uso de redes sociais como ferramenta de divulgação de suas obras, as quais atualmente estão voltadas, em sua predominância, para o segmento residencial concentrado em sua maior parte no Recife e sua área metropolitana, além de outras regiões metropolitanas em outros estados do Nordeste. Destacando-se aqui as três mais conhecidas nesse aspecto, que são elas, A. B. Côrte Real, Carrilho FMSA e Casa Grande Engenharia.

A Construtora Carrilho iniciou suas atividades em 1969 executando obras públicas para o governo de Pernambuco. Posteriormente, concentrou seus serviços em incorporações de edifícios de médio padrão, consolidando-se no mercado imobiliário local. Nos últimos anos, passou a investir em edifícios de alto padrão, assim como também, passou a atuar nos programas voltados à produção da habitação popular, como o Programa Minha Casa Minha Vida, do governo federal. No cenário residencial seus produtos variam de 50 a 110 m<sup>2</sup>.

Em 1990 a Carrilho lançou o plano +100, com financiamento de imóveis em cem parcelas, construindo, nessa época, edifícios com vários itens nas áreas de lazer, o que fazia parte do projeto paisagístico dito por ela como inovador. Esse plano, proporcionou à empresa maior visibilidade e crescimento no mercado local, principalmente na RMR. Atualmente sua atuação se estende para outras capitais do Nordeste, como também para o interior do Estado de Pernambuco. Sendo uma das empresas que estão no comando do megaprojeto Reserva Camará, a Carrilho se inseriu como parceiro para a construção do shopping, visando o potencial da área, já que mais de 500 mil pessoas na redondeza não possuem centro de compras próximo de suas casas.

Inaugurada em 1990, a Casa Grande Engenharia é uma empresa do ramo de construção civil especializada em engenharia comercial, embora também atue no ramo residencial em poucos bairros do Recife, como o residencial Porto Mondego, construído no bairro de Casa Forte. A Casa Grande Engenharia iniciou seu trabalho restaurando obras arquitetônicas de valor histórico, o que lhe concedeu um sítio de padrão de qualidade. Parceiro do recente investimento, o Camará Shopping, a empresa Casa Grande Engenharia acredita que o lugar oferece expectativas para o mercado imobiliário, já que a proposta do megaprojeto Reserva Camará

está inserida numa área de 26 hectares, onde 13 são de Mata Atlântica relativamente preservada, cenário que reúne as ferramentas iniciais para a implantação do discurso da sustentabilidade.

Atualmente, fazendo parte de um grupo empresarial de grande expressão, a A. B. Côte Real, fundada desde 1956, é atuante em obras que vão desde prédios públicos a privados, como escolas, creches e indústrias, a grandes empreendimentos como o Camará Shopping. À frente da gestão do setor comercial do mais novo centro de compras de Camaragibe, encontra-se atualmente a Srta. Peggy Côte Real, que em recente entrevista concedida à revista local “Algo mais”, disse que ainda para 2019 prevê um crescimento de 10% da área bruta locável do shopping, com a inserção de mais três lojas de grande atuação no mercado.

A rigor, as corporações empresariais responsáveis pela implantação, tanto do shopping, como da previsão da reserva compõem, geralmente, grupos de empresas de origem familiar que atuam em vários segmentos da economia e em diferentes contextos geográficos. Esses agentes possuem poder de intervenção diante do Estado e de outros agentes, estabelecendo assim, novas condições de uso e inserções de objetos no espaço. Logo, esses agentes usufruem de grande poder para criar estratégias de maior controle do espaço urbano e ambiental que existe na cidade, construindo o quadro favorável para a mercantilização do lugar e, como tem sido comum na tradição brasileira, contam com as facilidades do Estado, sem falar do suporte do capital financeiro, que necessita fazer o capital girar por meio do setor imobiliário, não sendo diferente na área estudada.

## **4 O ESPAÇO VIVIDO DA VILA DA FÁBRICA**

Este capítulo traz a segunda parte do “chão” da pesquisa, desta feita relacionada com a abordagem do espaço vivido da Vila da Fábrica, tomando por base as transformações e permanências que se estabelecem com a implantação do shopping center. Há a preocupação inicial de discutir, em termos teórico-metodológicos, a abordagem do cotidiano na elucidação dessa problemática. Como o cotidiano não pode ser desvinculado da história do lugar, mesmo que se procure analisar o cotidiano atual, ele é analisado também com base na memória oral desse lugar.

Não por acaso, são trazidos depoimentos e apresentadas imagens das antigas construções, com seus usos pretéritos e atuais, sempre com o intuito de demonstrar que a Vila da Fábrica constitui um lugar por excelência e isso pode estar ameaçado com as transformações erigidas pelo capital nos últimos tempos. Considera-se, portanto, fundamental fazer tal “resgate” da memória dos moradores, pois ainda há muito de histórico da vila operária, mas até quando e sob que circunstâncias, diante das transformações em curso? O capítulo ainda tem o propósito de trazer à tona quais os moradores que resistem e veem com preocupação tais mudanças e quais consideram o progresso positivo para a vida no bairro.

### **4.1 A dimensão do espaço vivido para a abordagem do cotidiano**

Para melhor entendimento da produção do espaço, é necessário pensar nas coisas e nos objetos postos nesse espaço, já que eles mediam e representam as relações sociais existentes no lugar. É na convivência e na simultaneidade de diferentes tempos que surgem os objetos, marcando assim, o passado e o presente das relações socioespaciais de cada local. O cotidiano, visto como um cenário para a constituição dessas relações se pauta nessa descrição quando através dele, pode-se pensar no momento atual enquanto resultado das práticas de convivência estabelecidas com o tempo.

Dessa forma, sem perder de vista a perspectiva teórico-metodológica de produção do espaço, a análise do espaço vivido da Vila da Fábrica tem como pano de fundo o cotidiano atual desse lugar, em face das transformações decorrentes da chegada do shopping center. Sob a inspiração de Arrais (2017), é possível interpretar o cotidiano como uma síntese particular e

geral que acontece na cidade. Dir-se-ia particular porque a relação do sujeito com os objetos inseridos nesse espaço como ruas, parques, monumentos, entre outros, é sempre marcada pela individualidade do lugar.

Cada lugar tende a ser único e isso não difere no caso da Vila da Fábrica para seus moradores. Muitos deles residem lá há décadas, sendo, inclusive, filhos e netos dos primeiros moradores, que eram operários da fábrica. O sentimento de pertencer ao lugar é muito forte, especialmente entre as gerações mais velhas, justamente por esse vínculo histórico com a vila e a fábrica. Se é no cotidiano que se reproduz a vida, estando ele projetado numa imagem geral dessa mesma cidade, com a Vila da Fábrica não é diferente.

O âmbito do vivido vai além dos seus elementos abstratos, ligados ao sentimento de pertença, à criação de vínculos identitários e ao fortalecimento de relações socioespaciais, como as de vizinhança. O vivido também é concreto por meio da relação com os objetos espaciais, que funcionam como símbolos do tempo, materializados no espaço. É, portanto, partindo do prognóstico com base em Carlos (2001), que se considera que o espaço vivido, além de ser abstrato conceitualmente, também possui concretude. É nele que se vive o real, sendo essa realidade condição primordial para a formação da sociedade humana em diferentes momentos da história e em distintos contextos espaciais.

Dessa forma, não há análise do cotidiano sem a correlação com a dimensão histórica do lugar. Os espaços se tornam lugares justamente por serem historicamente produzidos, com base em ações como o morar, o trabalhar, o divertir-se, o deslocar-se diariamente ou em momentos específicos, enfim, o cotidiano é a síntese dessas práticas socioespaciais. Nesse sentido, Arrais (2017, p. 105) assim se refere ao cotidiano:

O cotidiano pode ser interpretado como uma síntese particular e geral da cidade. Particular porque cada indivíduo constrói uma relação com os fragmentos da cidade – praças, parques, ruas, cruzamentos, monumentos etc. Geral porque é no cotidiano que construímos, ao mesmo tempo uma imagem geral dessa mesma cidade e, a partir dela, reproduzimos nossa vida. O cotidiano revela-se nas formas de morar e trabalhar e, por consequência, nas maneiras de apropriação dos espaços públicos e privados. É a dimensão completa da reprodução da vida, traduzida na relação dos indivíduos com o tempo e o espaço.

Além disso, os ritmos diferenciados que invadem a vida cotidiana e a reconstrução dos lugares tendem a reproduzir cenários de desigualdades mediante os padrões que estabelecem as relações dos indivíduos com o espaço vivido. Isso reduz os laços desses com o lugar fazendo com que o espaço se fragmente e a vida cotidiana perca a força, proporcionando a cada geração



novas possibilidades e formas de viver e conviver em coletividade. De acordo com Carlos (1996, p. 145),

A produção do cotidiano revela os conflitos humanos, as contradições da sociedade situadas no conjunto de problemas humanos de nossa época. O cotidiano não se restringe às atividades de rotina, nem tampouco a atos isolados, isto porque no cotidiano se realizam as coações e se gestam as possibilidades.

Eis, pois, a dimensão do cotidiano, com suas ricas possibilidades de abordar o urbano. Tal como advoga a autora, não se trata apenas de apresentar realidades nostálgicas e supostamente de vida harmônica entre as pessoas, mas também, implica analisar conflitos e tensões que marcam a realidade, incluindo as contradições que eventualmente lhe sejam inerentes. Além disso, a autora ressalta que a dimensão do cotidiano vai além da menção às rotinas do dia a dia. Ele abrange os distintos contextos da vida, desde as ações que envolvem o lazer, quanto o trabalho e outras ações para a reprodução da vida.

Um dos conceitos-chave da Geografia que mais servem de base para a apreensão do cotidiano é o lugar. Para Carlos (1996), o lugar carrega consigo o conteúdo identitário, podendo ser apreendido a partir da tríade habitante-identidade-lugar. Tal como já dito tomando por base Arrais (2017), o lugar é possuidor de historicidade, sua relação com tempo é íntima e intrínseca. Em tese, todos os cantos da superfície habitada do planeta constituem lugares, afinal de contas em maior ou menor grau, apresentam algum conteúdo relacional e histórico com as pessoas que neles habitam ou usam cotidianamente.

Ainda numa reflexão sobre cotidiano é oportuno citar Carlos (2001, p. 34), para quem “O lugar guarda uma dimensão prático-sensível, real e concreta, que a análise, aos poucos, vai revelando. [...] Isto porque o lugar aparece como condição de realização da vida cotidiana, o que envolve uma articulação espaço-tempo pelos usos do lugar”. Fica evidenciado no pensamento da autora em contexto que a abordagem do cotidiano apresenta íntima relação com o conceito de lugar, justamente por contemplar a dimensão do espaço vivido.

Além disso, se o lugar é por excelência possuidor de história e memória, é nos espaços com maior densidade histórica onde os laços de pertencimento são mais intensos, onde o estabelecimento de vínculos identitários são mais fortes e, portanto, o sentido de lugar para as pessoas que mantêm tais relações é pleno de significados. O lugar, portanto, carrega consigo a ideia de cumplicidade do seu habitante, pois tem nos elementos concretos da paisagem, bem como nos aspectos simbólicos e imateriais o despertar de um sentimento que não é alheio ao

que acontece no cotidiano, tudo parece estar interligado, pois o lugar se constrói cotidianamente, por mais tempo que isso aconteça.

#### **4.2 Uma breve “viagem no tempo” revelada pelos objetos espaciais e seus usos**

A paisagem da Vila da Fábrica contém um rico acervo histórico, com casario muito variado, sendo por isso bastante reveladora do que foi (e em certa medida ainda é) o cotidiano desse lugar. Tal como será mostrado nesta subseção, há edifícios que ajudam a contar a história da vila, já que por meio deles os moradores praticavam (e ainda praticam) usos e formas de apropriação que marcavam (ou ainda marcam) a dinâmica do espaço vivido. Considerando tal contexto empírico, muitos equipamentos urbanos “falam” sobre a história do lugar e deixam nítido o que foi dito no início deste capítulo, de que o lugar é uma categoria histórica e relacional (CARLOS, 1996) e ajuda a compreender a cidade e seus usos.

Lemos (2012) afirma que foi o engenheiro Carlos Alberto de Menezes o responsável por assumir o projeto de construção de edificações importantes do casario histórico da Vila da Fábrica, dentre eles: as escolas para os meninos e meninas; a igreja católica; as cooperativas; o cineteatro; e a pequena barragem no açude principal que assegurava o abastecimento d’água e energia elétrica para a fábrica e para vila operária. Nos parágrafos a seguir, serão destacados edifícios históricos da Vila da Fábrica, sendo que muitos deles tiveram os usos alterados ao longo do tempo, e outros os mantêm.

O primeiro exemplo a ser citado é o prédio onde funcionava a antiga República dos Solteiros (Figura 9). Nesse espaço moravam os operários solteiros, tratando-se, inicialmente, de um espaço de uso coletivo e masculino. Já os operários casados moravam em unidades habitacionais isoladas, configurando a maior parte das casas da Vila da Fábrica. A fachada pouco foi alterada até o presente, porém o prédio mudou de uso, sendo atualmente o edifício-sede da Fundação de Cultura de Camaragibe. Trata-se de um edifício de importância histórica para o local e que por isso abriga, nos dias atuais, esse importante equipamento público do município.

Figura 9 – Antiga República dos Solteiros, atual edifício-sede da Fundação de Cultura de Camaragibe



Foto: A autora (2019).

Por falar na Fundação de Cultura municipal, a mesma está, atualmente, efetuando um trabalho de reforma importante em um dos objetos que mais marcaram a história da comunidade da Vila da Fábrica, trata-se do Cinema Bianor Mendonça Monteiro. Conforme assinala Guerra (2007), o cinema contribuía muito para o lazer dos moradores da Vila da Fábrica mesmo quando ainda era sediado numa casa simples e adaptada. O sucesso do cinema gerou a necessidade de ampliação do prédio, o qual foi transferido para um local maior, anexado a sede do clube Guarany. Parte da população ainda se recorda dos momentos vividos nesse ambiente, onde todas as tardes de domingo aconteciam sessões de romances e aventuras, o que estimulava aos jovens da época à leitura de livros e revistas. Muitas vezes, os filmes apresentados nessas sessões se baseavam na literatura mais badalada da época.

Na figura 10, a seguir, observa-se a atual fachada do Cine Teatro Bianor Mendonça Monteiro, que é um importante equipamento cultural local, oferecido aos moradores desde sua fundação.

Figura 10 – Atual fachada do Cine Teatro Bianor Mendonça Monteiro



Foto: A autora (2019).

Com a reforma em curso nesse edifício, o cine teatro não está funcionando no momento. Na figura 11, a seguir, observa-se o espaço interno com a reforma bastante avançada, havendo por parte dos moradores grande expectativa para a sua reabertura. Este é um importante equipamento cultural da Vila da Fábrica, já que é bastante citado pelos habitantes do lugar. Nesse caso concreto, ressalta-se um cenário de transformação, mas ao mesmo tempo de relativa permanência, caso o cine teatro volte a funcionar mais ou menos como nos tempos de outrora.

Figura 11 – Vista interna do Cinema Bianor Mendonça Monteiro

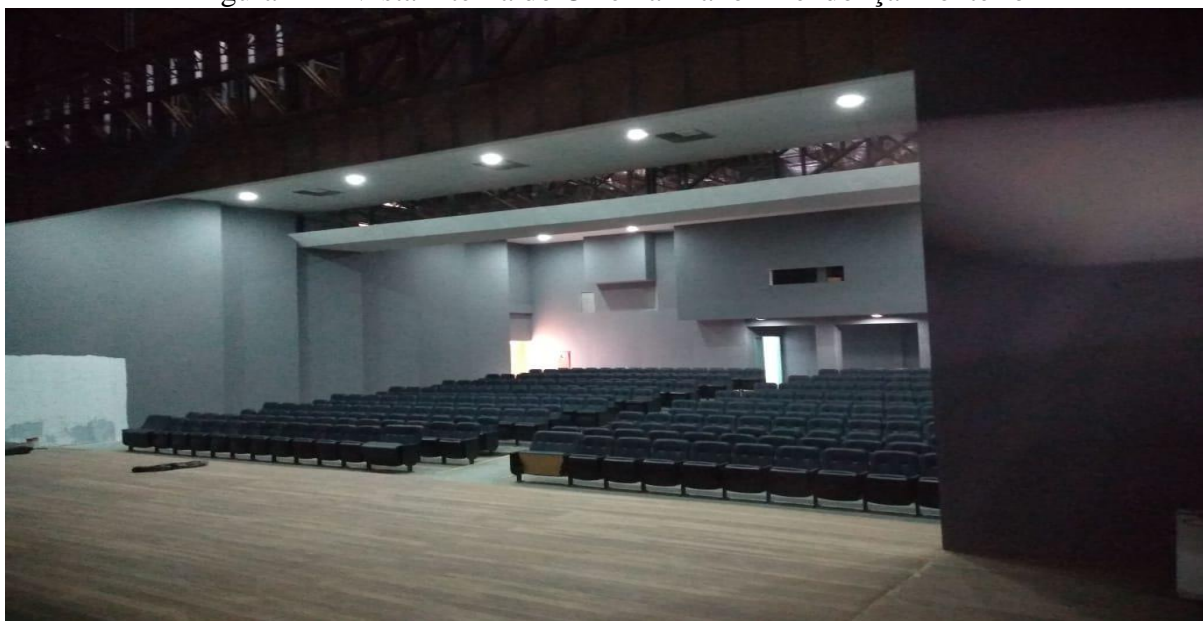


Foto: A autora (2019).

Segundo foi informado pela Fundação de Cultura de Camaragibe, a previsão da reinauguração do cine teatro acontecerá, no máximo até o primeiro semestre de 2020, tão logo seja finalizada a reforma, que está praticamente concluída. A previsão é disponibilizar 400 lugares, configurando-se num equipamento cultural não apenas para o bairro da Vila da Fábrica, como para os bairros adjacentes. Ainda sobre tal equipamento urbano, vale destacar a força simbólica desse objeto, que está presente em quase todas as falas dos entrevistados, como é possível constatar na explicação do entrevistado 2 (set. 2019)<sup>4</sup>:

O cinema velho que tinha ao lado do Guarany era onde existia as festividades das escolas no final de ano, e nesse cinema existia os bancos, depois as cadeiras e uma espécie de primeiro andar onde assistia aos filmes a diretoria da fábrica, então eu fui muitas vezes com a minha tia e a gente ficava assistindo ali na frente porque ela gostava de ficar com o povão, isso era no cinema velho que ficava ao lado do Guarany. O cinema é fonte de cultura, e na entrada havia um espaço com uns cartazes norte-americanos dos filmes que passavam e iam passar e a gente eu e meus irmãos e minha tia ficava olhando esses cartazes, e então a gente assistia aqueles filmes, por exemplo o Zorro, Roy Rogers (o vaqueiro americano) e eles passavam numa semana uma parte e deixava outra parte para a semana seguinte (Volte na próxima semana). Então todos ficavam numa expectativa. (Risos). Então aquele cinema me marcou muito. Era um ambiente altamente agradável.

Como se nota na fala do entrevistado, há o reconhecimento de que o Cine Teatro Bianor Mendonça constitui um marco no cotidiano dos moradores da Vila da Fábrica. O ritmo da vida do lugar era em grande parte sincronizado pelas idas ao cinema para assistir, na semana seguinte, a mais um trecho do mesmo filme iniciado na semana anterior. No atual cenário de expectativa relacionado à reinauguração desse equipamento urbano, é válido citar Arrais (2017 p. 136), quando diz que “As atividades de lazer também refuncionalizam os espaços da cidade”. Nesse caso, mesmo que não haja propriamente uma refuncionalização, já que a função de cinema continuará, há certamente mudanças significativas relacionadas a novos recursos técnicos e novos padrões sociais de uso desse antigo equipamento que se torna um “novo” espaço para o usufruto dos moradores do bairro.

A propósito do Clube Guarany, mencionado de forma breve anteriormente, não se poderia deixar de falar o quanto o esporte era importante para os moradores da vila operária. De acordo com Guerra (2007), os prédios que estimulavam as práticas esportivas estão erguidos até os dias atuais. O time mais famoso da Vila da Fábrica foi o Guarany Esporte Clube (Figura

---

<sup>4</sup> Trabalha na Rádio Camará. Sua função de radialista estabelece grande interação com a comunidade. Pai e familiares trabalharam na fábrica e viveu toda a infância e juventude na Vila da Fábrica.



12) e representa as marcas de um time, que por muitos anos, lançou grandes jogadores que tiveram suas carreiras projetadas para ir jogar fora de Camaragibe, como exemplo o Bonifácio que depois foi para São Paulo e lá criou fama. O time Guarany vestia camisa vermelha e azul com listas verticais e calção branco.

Figura 12 - Time de futebol do Guarany, no início do séc. XX



Foto: Penarol Biblioteca Municipal de Camaragibe (2019).

Outro time, com sede na Vila da Fábrica, era o Penarol, o qual tinha seu padrão com faixa preta sendo ele tricolor. Possivelmente, o nome do clube foi influenciado pelo time Peñarol uruguaio (de futebol) ou o time homônimo de basquetebol da Argentina. Segundo Guerra (2007), os jogos aconteciam sempre aos domingos pela manhã e à tarde e, as sedes tanto do Guarany quanto do Penarol atraíam a rapaziada da comunidade e de lugares vizinhos. Os clubes também promoviam eventos festivos nos finais de semana ou em datas comemorativas. Nesses eventos havia restrições para mulheres mais jovens em participar, já que as moças só podiam ir aos bailes mediante o consentimento de seus pais.

Hoje, a sede do Penarol aloja a Biblioteca Pública de Camaragibe (Figura 13), com a dinâmica de uso completamente diferente de sua fundação. Já a sede do Guarany Esporte Clube, atualmente está fechada e infelizmente sem nenhuma atividade. Moradores revelam lembrança nostálgica desse clube.

Figura 13 - Antigo prédio do Clube Penarol, atual Biblioteca Municipal de Camaragibe



Foto: A autora (2019).

A relação entre os moradores da Vila da Fábrica com esse espaço é muito grande, pois boa parte dos entrevistados o cita como um dos símbolos mais importantes de uma época, já que os eventos ocorridos no clube levaram muitos casais a se conhecerem e posteriormente casarem e construírem famílias, hoje alguns ainda vivem para contar as histórias dessas festas.

Outra dimensão do cotidiano local é o funcionamento das instituições de ensino. Segundo relatos de Lemos (2012), em 29 de maio de 1902, um pequeno grupo de religiosas da sagrada Família de Villefranche (de Roungue – Aveyron, França), chegou a Camaragibe, atendendo chamado do fundador da fábrica. Em entrevista com a moradora mais antiga da Vila, hoje já com 97 anos, a mesma falou sobre as irmãs da congregação citada: “elas eram muito importantes, elas eram as professoras, elas tratavam as crianças muito bem, de amor e compreensão. Hoje o respeito acabou. (ENTREVISTADO 3, set. 2019)<sup>5</sup>

O legado das irmãs religiosas marca até hoje a vida dos moradores da Vila da Fábrica e a religiosidade ainda é uma das marcas muito presentes no lugar. Em paralelo ao registro do morador acima, é possível constatar no depoimento da funcionária da igreja, o reflexo desse marco até os dias atuais. Segundo ela, a igreja

---

<sup>5</sup> Seus pais trabalharam na fábrica toda a vida e ela vive na vila até hoje. Aos 97 anos, ainda se recorda de momentos e objetos que representam a história da indústria e da vila operária.

Contribui muito na convivência harmoniosa, por isso a gente vem resgatando e a maioria que hoje frequenta a igreja são pessoas, algumas que trabalhavam na fábrica e outros são os familiares, parentes que estão aqui e não abrem mão. Vêm à igreja, lutam pela igreja, porque aqui tem uma história. Aqui parece um confessionário, conselhos, quem chega aqui é contagiado, (eu fui contagiada), porque veste a mesma camisa e ajuda e colabora. O laço de solidariedade é muito grande. Todos lutam muito para manter a história da Vila, eles dizem a gente vai embora, mas outros vão vir e por isso a gente tem que fazer para repassar para as crianças. É um trabalho de coletividade. (ENTREVISTADO 5, set. 2019)<sup>6</sup>

Tanto as irmãs, quanto os padres que atuaram nessa comunidade por quase um século, vieram para dar instruções aos filhos dos operários, bem como oferecer cursos para adultos onde se repassava também os ensinamentos de canto e ofícios religiosos. As irmãs superaram todos os obstáculos, sendo os principais: o clima e o idioma. De acordo com as falas dos moradores mais idosos da Vila, foi com muita coragem, tenacidade e perseverança que conseguiram iniciar as aulas no dia 11 de fevereiro de 1903, num prédio que na época havia sido recém construído para essa finalidade. Nessa mesma edificação, encontra-se atualmente instalada a Escola Municipal José Collier (Figura 14).

Figura 14 - Antiga Escola das Irmãs, atual Escola Municipal José Collier



Foto: A autora (2019).

<sup>6</sup> Secretária da Igreja Católica da vila e por isso interage com muitos moradores que frequentam os eventos promovidos pela igreja.



Por sua vez, foi a partir do dia 10 de junho de 1904 que o grupo dos Irmãos Maristas assumiu a escola para os meninos, o que teria trazido grande satisfação aos moradores da vila operária, já que a prática de separação dos sexos era algo bastante difundido na época e, como já dito, a educação das meninas já estava sob os cuidados das irmãs religiosas.

O prédio da antiga Escola dos Meninos passou por uma reforma nas últimas décadas e nesse espaço funciona atualmente a unidade estudantil do Serviço Social da Indústria (SESI). Vê-se que muito mudou em relação ao padrão de ensino que aí foi realizado, pois hoje o foco é essencialmente voltado para o ensino técnico. Assim, mesmo sem a fábrica funcionando, até hoje o SESI (Figura 15) é importante instituição de ensino técnico da Vila da Fábrica. Nele são oferecidos diversos cursos para a comunidade jovem não apenas da vila e do bairro homônimo, como também para os bairros e áreas do entorno, como Aldeia, Caxangá e Várzea.

Figura 15 - SESI da Vila da Fábrica, antiga Escola dos Meninos



Foto: A autora (2019).

Além dos mencionados equipamentos urbanos, o cotidiano da Vila da Fábrica dependia ainda de dois açudes, os quais asseguravam o fornecimento de água para o consumo humano e para a geração de energia elétrica e o funcionamento da fábrica. No caso do Açude da Mata, o mais importante, a água era transportada por um conduto até a fábrica e a uma olaria. Suas águas também abasteciam cinco chafarizes, a padaria, o armazém cooperativo e várias moradias, chegando com pressão suficiente para atingir as partes mais altas dos edifícios, já que

a vila operária foi edificada num planalto bem em frente à indústria de tecidos. Porém, essa pequena barragem se rompeu no ano de 1990, causando grandes perdas aos moradores do bairro (Figura 16).

Figura 16 – Barragem do Açude da Mata no início do séc. XX (A) e destruição provocada pelo rompimento da represa em 1990 (B)



Foto: Penarol Biblioteca Municipal de Camaragibe (2019).

O rompimento dessa barragem no ano de 1990 devido a fortes chuvas, ocasionou um dos maiores e trágicos acidentes ocorridos na Vila da Fábrica, pois como é dito e lembrado pela maioria dos moradores, que não foi possível salvar quase nada e muitos familiares perderam suas vidas, já que havia habitações nas margens do rio e quase todas foram arrastadas com a enxurrada.

Os açudes estão até hoje guardados na memória dos moradores mais antigos, conforme destaca um dos entrevistados, quando se reporta a momentos de sua infância na Vila da Fábrica:

Os banhos de rio e a queda d'água na barragem que rompeu, antes era muito divertido. O Açude da Mata nasce lá em cima no lugar que é chamado Besouro, até a COMPESA chama Besouro e ele nasce num riacho bem estreitinho, dentro da mata, e vem pela mata num reguinho, mas era muita água, ele não parava de descer. É como águas finas, não para de descer, águas finas, [ele] tem uma bica que não para, é 24 horas por dia. O Besouro também tinha o riachinho dele, porque Aldeia tem muita água, e o Besouro já nasce em Aldeia, lá para dentro das matas, próximo onde era a Telebrás. (ENTREVISTADO 8, out. 2019)<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Conheceu sua esposa na fábrica, pois ela também era funcionária da loja que existia dentro da indústria de tecidos. Vivem juntos há mais de 50 anos.

O segundo açude para a Vila da Fábrica tinha o nome de Açude São Bento (Figura 17). Trata-se do açude mais importante para a prática de pescaria que acontecia todos os anos durante a semana santa.

Figura 17 - Açude São Bento, na Ponte do Balde, no início do séc. XX



Foto: Penarol Biblioteca Municipal de Camaragibe (2019).

Nesse açude foi construída a Ponte do Balde (Figura 18), via que liga ainda hoje os bairros de Vila da Fábrica e Bairro Novo. Sua travessia é efetuada apenas por pedestres e ocorre predominantemente durante o dia, pois sem iluminação é evitada pelos moradores durante a noite, por conta dos riscos de acidente, segundo informaram alguns entrevistados. Ainda assim, a ponte tem grande funcionalidade, pois facilita o acesso aos estabelecimentos comerciais e ao uso dos transportes coletivos, pois é na Vila da Fábrica onde estão concentrados o terminal de ônibus, escolas, várias lojas do mercado local, a igreja católica e, desde 2018, o shopping.



Figura 18 – Travessia para pedestre sobre a barragem do Açude São Bento, na Vila da Fábrica



Foto: Autora (2019).

Outro objeto bastante emblemático no cotidiano da população da Vila da Fábrica é a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, a qual está localizada logo na entrada principal da rua que dá acesso à vila. Segundo Guerra (2007), a imagem da santa foi trazida da França em forma de réplica, já que naquele país também existia uma proposta semelhante à de Camaragibe. Atualmente rituais como missas e procissões ainda acontecem no lugar, sendo isto mais um traço de permanência no contexto da Vila da Fábrica. Como fala Collier (1996, p.36), a religiosidade sempre foi algo utilizado para auxiliar na padronização da rotina dos operários na fábrica. Assim, a missa diária que acontecia dentro da capela da fábrica era tida como um fator estimulante para começar a jornada de trabalho. Esse objeto está hoje sobre a gestão da igreja católica da Vila da Fábrica (Figura 19).

Figura 19 - Igreja Católica do Sagrado Coração de Jesus

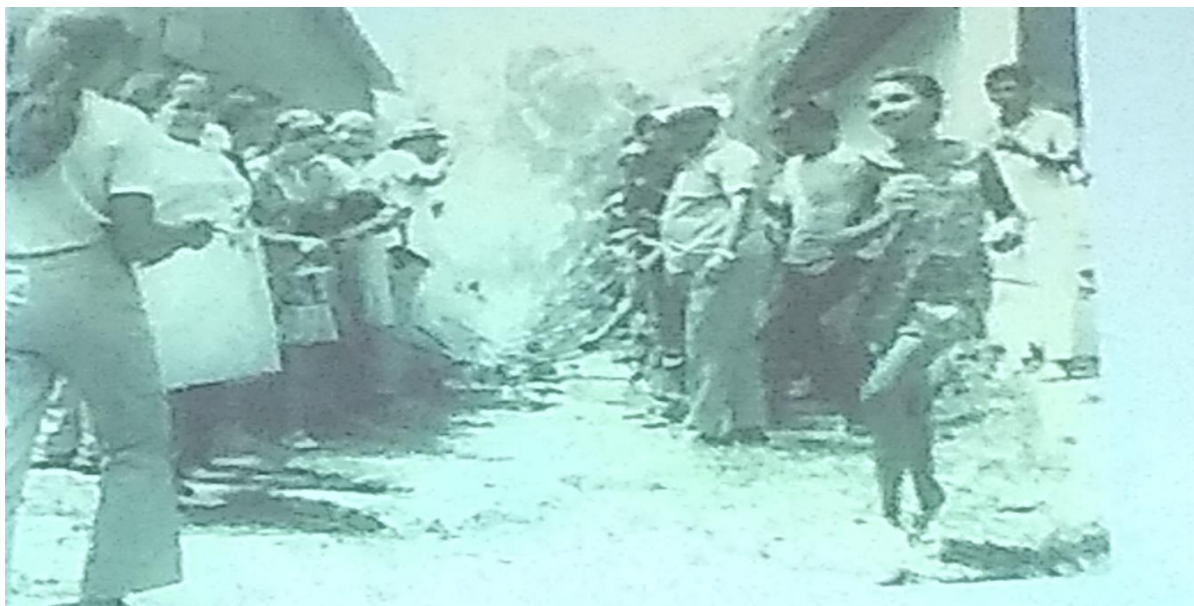


Foto: Autora (2019).

Considerando que a análise do cotidiano tem a ver também com festa, vale ressaltar que um dos pontos importantes, segundo a maioria dos entrevistados, era a realização das festas do Natal e o churrasco do final do ano na Vila da Fábrica (Figura 20). Como as transformações acontecem, mas sem romper por completo com o passado, há algumas permanências relativas a eventos que acontecem até hoje na Vila da Fábrica.

Segundo Guerra (2007), a festa natalina contava com eventos como procissão, missa, apresentações de coral e bandas de música. Práticas e brincadeiras como bumba meu boi, fandango, marujada e o mamulengo, eram coisas que estão marcadas ainda na memória de alguns moradores. A festividade era realizada no pátio da gruta da padroeira do lugar que recebia uma iluminação especial e barracas de objetos, comidas e bebidas. Este evento era o mais desejado e esperado por todos os moradores, que, eufóricos, tinham o hábito de usar apenas roupas novas para participarem da festa. Durante o período natalino, a fábrica disponibilizava aos operários e familiares, tecidos com preços acessíveis e facilidades de pagamento aos interessados.

Figura 20 - Churrasco de final de ano na Fábrica de Tecidos de Camaragibe no início do séc. XX



Fonte: Penarol Biblioteca Municipal de Camaragibe (2019).

Nas últimas décadas, no período do Natal, um parque de diversões é instalado na parte frontal à gruta, que segundo moradores, sempre foi o lugar das festividades, quando essas ocorriam. Essa área, está localizada bem em frente ao Camará Shopping, um terreno que, na maior parte das vezes, encontra-se sem uso.

#### **4.3 Os distintos olhares dos moradores em face das transformações do lugar na atualidade**

Esta subseção do trabalho dá ênfase à percepção dos moradores da Vila da Fábrica em relação às transformações em curso, principalmente associadas à implantação do Camará Shopping e seus efeitos no plano socioespacial do lugar. Para captar tal realidade, serviu de base a aplicação de entrevistas semiestruturadas com moradores de distintos perfis, seja de faixa etária, seja de tempo de moradia lá na Vila da Fábrica. Além disso, a aplicação de questionário feitos com 91 pessoas permitiu levantar, quantitativamente, que objetos ou eventos são mais importantes na visão desses agentes para a permanência dos principais traços que marcam o cotidiano desse lugar.

Dessa forma, para refletir sobre algumas práticas que ainda são estabelecidas no cotidiano da Vila da Fábrica os moradores falam, por exemplo, da necessidade de conservação do patrimônio arquitetônico, bem como do desejo da permanência dos eventos que ainda

acontecem desde a fundação da vila operária. As manifestações relatadas sobre os assuntos citados, foram descritos no preenchimento dos questionários, cuja síntese pode ser vista no quadro 1, a seguir. É interessante destacar que entre as respostas mais frequentes, quando questionados sobre os três objetos que mais representam a história da Vila da Fábrica, prevaleceram, respectivamente, a Escola das Irmãs com 50 votos, a Gruta da Santa com 48 votos e o Clube Guarany com 45 votos. É sintomático que esses três objetos se refiram a distintas e importantes dimensões do cotidiano da Vila da Fábrica: o ensino formal, o domínio da religiosidade e o do lazer.

Quadro 1- Objetos e práticas presentes na Vila da Fábrica desde sua fundação

<b>Respostas mais mensuradas nos questionários</b>	<b>Objeto que mais representa a história da Vila da Fábrica?</b>	<b>Práticas (eventos) antigos que devem ser preservados</b>	<b>Responsáveis pela preservação/manutenção do patrimônio arquitetônico?</b>
<b>1ª</b>	Escola das Irmãs	Festa do padroeiro – Procissão do Sagrado Coração de Jesus	Todos os envolvidos com o lugar
<b>2ª</b>	Gruta da Santa	Festa natalina do parque que acontece em frente à gruta	Prefeitura
<b>3ª</b>	Clube Guarany	Carnaval com blocos de rua	Moradores

Fonte: Pesquisa de campo, nov.2019.

O quadro 1 também mostra que para os moradores da Vila o evento que mais precisa ser preservado são, em ordem de votação, as festas do padroeiro, com 26 votos; a festividade de Natal que acontecem todos os anos em frente à gruta, obtendo 24 votos; e o carnaval de rua, com 15 votos, restando 26 votos as demais respostas. É interessante destacar, ainda, que, para os moradores, a preservação e/ou manutenção da dimensão religiosa seria de responsabilidade de todos, enquanto que o poder público deveria se responsabilizar pela gruta e as festas do Natal, e a manutenção do carnaval seria apenas responsabilidade dos moradores. Dessa última informação vale refletir que na visão dos moradores pesquisados, o caráter de rua do carnaval prescindiria da atuação do poder público, sendo isso de certa forma visão equivocada ao não identificar no Estado um importante agente de promoção e de fomento da preservação das manifestações culturais, particularmente da cultura popular.



Avançando para outro assunto, ressalta-se que a Fábrica de Tecidos de Camaragibe não só impactou em alterações nos elementos concretos da paisagem, como também proporcionou um conjunto de comportamentos e certa rotina do dia a dia, traduzindo-se no sentido daquele lugar para seus moradores mais antigos. Um desses elementos característicos era a rotina dos moradores da Vila da Fábrica, em grande parte estabelecida pelo tempo cronometrado de cada turno de produção da fábrica e a maneira de como ocupar esse espaço diante das atividades vividas.

Conforme já dito no capítulo 2, o início e o fim de cada jornada de trabalho eram sinalizados por meio de uma sirene que tocava, o que contribuía para habituar seus operários a cumprirem os horários de produção. A sirene era o objeto usado para condicionar o uso do tempo e, em certo sentido, o ritmo das pessoas, no período industrial da vila. O toque da sirene foi mantido pelo Camará Shopping quando, diariamente, inicia seu funcionamento.

A Fábrica de Tecidos de Camaragibe encerrou suas atividades no ano de 2004, deixando com o declínio de seu funcionamento, operários que se depararam com um sentimento profundo de nostalgia e preocupação quanto ao futuro da vila e de seus moradores. Nesse contexto, tal assertiva é possível ser constatada na fala de um dos entrevistados:

O fechamento da fábrica, eu falo dos meus pais, eles aprenderam a fazer aquilo aprenderam ser operários de uma fábrica têxtil, quando essa fábrica fechou nós que éramos filhos, já estávamos adultos e morávamos aqui em Camaragibe e trabalhávamos em Recife. Só que para meus pais e outros foi uma grande decadência, as pessoas ficaram sem fazer nada porque não foram educados para fazer coisas fora a fábrica, eles só sabiam fazer aquilo, aquilo era a razão do camaragibense, quem tinha melhores condições pode ir morar em outro bairro, mas nem todos tinham. Mas graças a Deus e para tudo há um jeito, os filhos já começaram a estudar e quando os pais foram falecendo agente já tinha o ginásio e aí conseguia ir se virando com outros trabalhos e estamos aqui contando a história, mas a gente ficou sem pé e sem mão quando a fábrica fechou. (ENTREVISTADO 7, set. 2019)<sup>8</sup>

Após a implantação do Camará Shopping, o espaço se torna mais uma vez mercadoria já que está submetido às estratégias dos agentes do capital. Assim, Construtoras e Imobiliárias passam a ser os principais responsáveis pela criação ou recriação das funções e objetos existentes no lugar, muitas vezes até se sobrepondo aos desejos dos habitantes já que estão voltados, predominantemente, às novas necessidades de reprodução espacial sem que sejam

---

<sup>8</sup> Trabalhou na fábrica de tecidos, atuando em diversas funções. Seus pais também foram operários da fábrica e moradores da Vila.



considerados, na morfologia do espaço, os valores que carregam a vida social. Refletindo com o autor:

Se todo lugar é um espaço social, nem todo espaço social é um “lugar”, ao menos no sentido forte aqui específico: o espaço social é aquele espaço produzido socialmente, fruto da transformação e apropriação da natureza, ao passo que um lugar é um espaço dotado de significado, um espaço vivido. (SOUZA, 2013 p. 117)

Assim, pode-se dizer que é a concretização das relações sociais estabelecidas pelo uso dos recursos oferecidos pela natureza que se materializa a produção do espaço, sendo nele considerado, principalmente a dimensão do vivido no que se refere ao lugar. As alterações na rotina do dia a dia contribuem para firmar novas relações dos moradores com a dinâmica vivida e presenciada diariamente nesse espaço, o que estabelece direta ou indiretamente mudanças no cotidiano dos usuários desse lugar.

Os agentes sociais compreendidos pelos moradores da comunidade da Vila da Fábrica são homogeneizados pelas propostas de alterações espaciais, pois são controlados pela lógica do capital que sobre eles incidem com toda a força. Do ponto de vista do olhar do poder público, o que acontece na prática é que suas demandas e necessidades ficam, quase sempre, esquecidas diante da preferência em atender com prioridade os projetos e interesses dos agentes capitalistas hegemônicos que atuam localmente.

É nesse jogo dialético entre os diferentes agentes e, decorrente das diversas realidades hierárquicas de poder, que se manifestam os conflitos. Se de um lado há o desejo explícito de que sejam preservados elementos da tradição do lugar, isso vem acompanhado de resistência em relação ao que é novo e seus possíveis impactos provocando mudanças no cotidiano. Exemplo disso é um depoimento de um morador antigo da Vila da Fábrica quando relata sobre os pontos negativos que existem com a chegada de empreendimentos de grande porte, como o shopping. Assim diz ele:

Camaragibe tem uma superpopulação pra sua área, tem em torno de duzentas mil pessoas e uma área de menos de 52 quilômetros quadrados, um terço da nossa cidade é de morros e isso dificulta bastante, e o que a cada dia no lugar de melhorar está piorando é a mobilidade, nós não temos estradas específicas para fluxo de veículo devido à grande quantidade na parte central da cidade, que é o bairro novo do Carmelo, não tem mais onde estacionar carro. Essa dificuldade é enorme, as estradas totalmente esburacadas e a pouca sinalização também dentro da cidade e tudo isso atrapalha um pouco o desenvolvimento da nossa cidade, e aí fica a interrogação: será que no futuro irá melhorar quando o shopping começar a construir seus prédios aqui ao entorno? E aí vem uma pergunta que não deixa a gente calar, toda a população faz a mesma pergunta: e nossa água como fica? Porque já temos dificuldade de água no

planeta e em Camaragibe não é diferente, nossa dificuldade aqui é enorme, com exceção de alguns bairros. (ENTREVISTADO 1, set. 2019)<sup>9</sup>

O depoimento supracitado deixa muito evidente as várias contradições que tal “progresso” encerra e o sentimento de negação do morador ao preço a ser pago por ele. Sabe-se que a realidade atual já é muito problemática em relação às condições de vida urbana e temem que piorem com o aumento do fluxo de pessoas na Vila da Fábrica e seu entorno. Há muito mais dúvidas por parte dos moradores do entorno do que certezas sobre o futuro do lugar, com a chegada paulatina do megaprojeto imobiliário.

Se os problemas mais básicos de mobilidade urbana e abastecimento d’água sequer foram atendidos para a população atual, o que dizer de uma demanda ainda maior que poderá vir morar no entorno, nos residenciais do Reserva Camará? O pior de tudo é ver que há poucos esclarecimentos sobre o planejamento urbano dessa área e de que forma a população local da Vila da Fábrica será ouvida.

A intervenção dos agentes capitalistas, particularmente relacionada com o megaprojeto urbano Reserva Camará, evidencia interesses particulares e com isso novos modos de apropriação do espaço e, conseqüentemente, da vida social que nele existe. A forma de apropriação do espaço revelada com determinadas intenções quanto a instalações de empreendimentos, como o Camará Shopping, tende a aprofundar desigualdades socioespaciais, com forte perda de qualidade de vida dos moradores do lugar, o que, diga-se de passagem, já é, sob certos aspectos, precária nos dias de hoje. Há a percepção disso por parte de vários moradores, principalmente entre os mais veteranos, cuja experiência com o vivido lhes permite olhar para o futuro com muito mais cautela dos que os moradores mais jovens, que enxergam no shopping e noutras etapas do megaprojeto novas possibilidades de ingresso no mercado de trabalho e de valorização do solo urbano da Vila da Fábrica.

Podem ser citadas algumas das queixas atuais reveladas por parte da população residente na Vila da Fábrica, quando foi demonstrada insatisfação quanto à falta d’água no bairro, ao congestionamento do tráfego de veículos e a um maior fluxo de pessoas estranhas vindas de outros lugares e ainda a queda das vendas em alguns estabelecimentos comerciais do bairro, etc. A indignação quanto ao modo de uso do espaço surge de forma inevitável, uma vez que o uso do solo não homogeneíza os acessos.

---

<sup>9</sup> Foi funcionário da fábrica de tecidos, assim como seus pais e mais cinco irmãos. Fotógrafo, atualmente apresenta palestras em escolas e alguns eventos do bairro sobre a história do lugar.

Em entrevista efetuada com outro morador da Vila da Fábrica, o mesmo relata a importância do shopping para o bairro, uma vez que a esperança de geração de empregos e a proximidade com esse centro comercial já estaria, segundo ele, facilitando bastante a vida dos habitantes do lugar. Eis, portanto, seu depoimento:

Foi tudo de bom para nossa comunidade, desenvolvimento total tanto cultural como de todo tipo, facilidade imensa para todos os moradores, porque os moradores antes se deslocavam para o Bairro Novo ou para o Recife e tudo encontramos agora no shopping, aqui pertinho. (ENTREVISTADO, 7 set. 2019)<sup>10</sup>.

Vale frisar que este depoimento foi dado por um morador antigo, inclusive antigo operário da fábrica e que hoje se encontra aposentado. Isso mostra como a realidade é complexa e mesmo havendo certo predomínio de visão resistente à modernidade que se instala no lugar, isso não é unanimidade, mesmo entre moradores de uma mesma faixa etária. Outro ponto de vista semelhante sobre tal assunto também é fornecido por outro entrevistado de mesmo perfil social do anterior. Segundo suas próprias palavras, o shopping

Trouxe muitos benefícios, primeiro emprego, as lojas perto de todo mundo, Camaragibe não precisa ir mais pra Rio Mar, agora encontra tudo aqui, cinema bom. Já fui e lá tem loteria e facilitou muito porque a loteria daqui era superlotada, agora tem ar condicionado, bonita e mais segurança... antes a gente ficava no sol. (ENTREVISTADO 8, out. 2019)<sup>11</sup>

As palavras dos entrevistados transmitem um ar de satisfação quanto à instalação do shopping center na Vila da Fábrica, pois como alegam, antes da inauguração desse empreendimento, as dificuldades para se ter acesso aos estabelecimentos comerciais e de serviço eram enormes, fazendo com que, os moradores levassem horas com o trajeto para outros centros, perdendo assim, muito tempo do seu dia para comprar e cumprir com compromissos financeiros, o que hoje não mais acontece. Sem dúvida, tal tipo de postura não é desprovido de sentido, pois se pauta numa racionalidade bastante pragmática, já que é muito difícil para os moradores da Vila da Fábrica buscarem oportunidades de emprego noutros bairros das cidades da RMR, inclusive por conta da precariedade da mobilidade urbana.

<sup>10</sup> Foi líder comunitário e também funcionário da fábrica, assim como seus pais. Atualmente é aposentado.

<sup>11</sup> Trabalhou na fábrica de tecido por mais de trinta anos em diversos setores. Atualmente aposentado.

Outro ponto positivo identificado pelos moradores se apoia na visão do shopping como um espaço de lazer da Vila da Fábrica. Nesse aspecto, parece muito nítida a ideia de que, embora desejem manter objetos e práticas típicas do passado daquele lugar, isso em absoluto se coloca como rejeição a novas práticas de lazer no contexto do bairro, associadas ao shopping center. Sendo assim, constata-se que é bastante razoável verificar que, como moradores de uma área metropolitana, onde a população bem ou mal faz parte da sociedade de consumo, as pessoas vejam como positivo a possibilidade de desfrutar de novas práticas de lazer no contexto do bairro. O que não está claro é quem, efetivamente, terá condições de consumir.

Sobre o contexto da sociedade de consumo, o shopping também é considerado um equipamento de lazer pela maior parte dos usuários, o que pode ser notado pela maioria dos relatos dos entrevistados, como destaque quando fala o entrevistado 4, que afirma que “Melhorou para pagar contas e se divertir, o lazer que não tinha agora tem, domingo de tarde para passear com a família, esse shopping foi muito bom. (ENTREVISTADO 4, set. 2019)<sup>12</sup>. Outro entrevistado (nº 3), por sua vez, também confirma tal posicionamento sobre o shopping: É bom porque faz seus pagamentos, suas compras, não precisa de ir lá pra fora. Pelo menos tem o shopping pra passear, mesmo que não tenha dinheiro pra comprar. (ENTREVISTADO 3, set. 2019)<sup>13</sup>

Por sua vez, o entrevistado 9, seguindo mesma visão, assim diz:

O shopping trouxe um movimento muito grande pra Vila da Fábrica principalmente, pra Camaragibe em peso, melhorou muito o movimento das crianças do povo, que não sabia o que era shopping e hoje em dia sai, troca de roupa e vai fazer seu passeio no shopping, vai lancher no shopping, foi a coisa melhor que poderia ter acontecido. (ENTREVISTADO 9, out. 2019)<sup>14</sup>

Observa-se que para o último entrevistado citado, poder desfrutar do lazer no shopping, isto é, poder consumir, é sinônimo de certo prestígio e de suposta melhoria da qualidade de vida das pessoas. Tudo isso deixa muito claro que há um novo cotidiano na Vila da Fábrica cujas práticas passam longe do culto ao passado e que enxerga no lazer mediado pelas relações de consumo, uma suposta possibilidade de se sentir mais cidadão do que antes. Esse tipo de resposta ajuda a compreender por que um equipamento desse porte se instala numa área nitidamente de largo predomínio de população de baixa renda. Se, por um lado, o shopping foca

<sup>12</sup> Herdou a residência da mãe que trabalhou e se aposentou pela fábrica.

<sup>13</sup> Residente na Vila desde que nasceu, atualmente está com 97 anos

<sup>14</sup> Foi funcionário da fábrica, atualmente é funcionário do Camará Shopping.

nos moradores com melhores condições financeiras, como exemplo os do bairro de Aldeia e nos futuros moradores dos residenciais do próprio megaprojeto Reserva Camará, por outro, a própria população de poder aquisitivo mais baixo também se torna potencial consumidor e frequentador desse novo espaço.

A dinâmica trazida pelo shopping a esse espaço é sentida por todos os moradores, independentes de serem residentes ou de apenas trabalharem em algum estabelecimento comercial do bairro, independente também se são moradores jovens ou mais velhos, e ainda se são funcionários do próprio shopping ou não. A constatação pode ser percebida nos comentários de alguns dos entrevistados:

Quando tomamos conhecimento que o shopping estava vindo para Camaragibe, então muitas opiniões se dividiram, eu acho um absurdo que uma pessoa pense de forma diferente, porque é o seguinte, nós vivemos num sistema capitalista, nós vivemos da questão capital e produto, e muita gente dizendo que o shopping ia acabar com o comércio da [Rua] Eliza Cabral, e nada disso está acontecendo, porque o shopping tem características próprias, porque ninguém vai colocar uma barraca de água de coco dentro do shopping. Muitos estão torcendo para que ele feche... um absurdo... então, hoje eu e minha esposa frequentamos, e o lazer aumentou. O aspecto foi mais positivo, eu me preocupei com a questão da natureza, mas o shopping está preservando a mata ao lado, que é da área da casa de Maria Amazonas. Eu e minha família torce muito pelo shopping de Camaragibe. (ENTREVISTADO 2, set. 2019)<sup>15</sup>

Pensamento é positivo, eu acredito que através do shopping as crianças que estão crescendo agora vão ter uma visão melhor da vida, pelo menos sabe o que é um shopping, e vai dar mais valor porque está dando mais emprego. (ENTREVISTADO 9, out. 2019)<sup>16</sup>

Em termo geral é uma infraestrutura muito boa pra Camaragibe, foi uma evolução muito grande pra Camaragibe né. Nós chegamos a um ponto que disseram que o shopping ia derrubar a fábrica, mas o shopping preservou e não buliram nessas paredes antigas da fábrica. Camaragibe foi premiado com esse shopping, gerou muito emprego e uma boa localização para visita e lazer. (ENTREVISTADO 10, nov. 2019)<sup>17</sup>

Essas falas, como se nota, são todas positivas em relação à implantação do Camará Shopping e justificam tal posição pela suposta preservação do patrimônio arquitetônico e histórico da fábrica, da preservação das áreas verdes do entorno, de representar uma nova área de lazer para a população de Camaragibe e ainda gerar progresso e empregos no contexto dessa cidade. Tudo isso mostra como um projeto dessa magnitude na escala de uma cidade pobre

<sup>15</sup> Faz um trabalho de divulgação da história da Vila através de seus programas na Rádio Camará.

<sup>16</sup> Trabalhou na fábrica e se aposentou. Tinha forte aproximação na época, com os netos de Carlos Alberto de Menezes, que também residiam na vila.

<sup>17</sup> Trabalhou na fábrica e atualmente é exerce a função de encanador do shopping.

como Camaragibe e de um lugar singular como a Vila da Fábrica, desperta visões favoráveis ao que chega como o novo e potencialmente criador de uma nova centralidade urbana.

Nesse contexto é pertinente o comentário de Carlos (2011, p. 53), quando afirma: “[...] A cidade e o homem se submetem ao poder do ‘progresso’, que impõem novas formas para a metrópole e um novo modo de vê-la e vivê-la”. É na dialética entre benefícios e desvantagens que o cotidiano atual se revela na Vila da Fábrica, onde os moradores contemplam a cidade como espaço de modernidade, mas ao mesmo tempo isso não se dá sem tensões e conflitos. O valor dos objetos antigos para os residentes do lugar faz parte do conteúdo das tensões, no que se refere à preservação do patrimônio arquitetônico desses objetos. O cotidiano, como bem assinala Carlos (1996) é também marcado por tensões, como também por expectativas, desejos, mesmo que eventualmente sejam de difícil materialização efetiva como projeto coletivo.

Contudo, o sentimento de resistência ou certo temor quanto à preservação do patrimônio material e imaterial da Vila da Fábrica, face à chegada do novo empreendimento constituído, inicialmente, pelo Camará Shopping, ganha força nesse novo campo de tensões entre parte dos moradores. Os objetos que ainda permanecem erguidos na Vila da Fábrica têm grande valor simbólico para eles, pois é muito latente a preocupação em deixar esse patrimônio preservado para manter viva a história do lugar. Como exemplo traz-se o dilema vivido pelos habitantes do bairro quando surgiram relatos da possibilidade de derrubada da Gruta da Santa, durante a construção do shopping. O espaço serviria para abrigar um novo terminal de ônibus, o que não foi aceito pela população do bairro, causando, inclusive, protestos locais e diversas reuniões com a comunidade, conforme fato registrado no jornal Folha PE (Figura 21):

Figura 21 - Matéria da Folha PE sobre rumores de demolição da Gruta da Santa

Figura 21 is a screenshot of a news article from the website 'Folha PE'. The header includes navigation links: ASSINE, FLIP, RÁDIO, ANUNCIE, and ÁREA RESTRITA. Below this is a secondary navigation bar with categories: Notícias, Economia, Política, Esportes, Diversão, and TV Folha. The main header features the 'FOLHA PE' logo and the text '/Notícias'. A sub-header lists various topics: Brasil, Carnaval, Cotidiano, Especiais, Era uma vez, Mundo, and Notícias. The article is categorized under 'COTIDIANO' and has the title 'Boato muda rotina na Vila da Fábrica, em Camaragibe'. The sub-headline reads: 'Rumores de que a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes seria demolida gerou forte reação na cidade, que prepara ato público'. The article text states: 'Um boato tem mudado a rotina dos moradores da Vila da Fábrica, em Camaragibe. Disse-se que um projeto teria sido elaborado para transformar em um terminal de ônibus e uma praça de alimentação o espaço onde ficam a Praça de Eventos e a centenária Gruta Nossa Senhora de Lourdes, monumento religioso importantíssimo da região. A informação - que ninguém conseguiu checar se era verdade - tomou de surpresa paroquianos e moradores da vizinhança e eles têm se mobilizado para preservar o patrimônio histórico. O amor ao local é tanto, que um abraço simbólico no monumento será realizado amanhã às 8h e, na próxima terça-feira, às 19h, membros da comunidade voltam a se reunir para discutir a ameaça ainda "fantasma".' A quote from Padre Miguel Batista is included: 'Na terça-feira à noite, recebi uma mensagem do pároco da paróquia vizinha de São Pio X, do bairro Novo Carmelo, perguntando se procedia, tratando de uma reunião em um clube da cidade para falar sobre como conter um projeto de demolição da gruta para a construção de um terminal de ônibus - outros falam de uma praça de alimentação, outros que é para favorecer o shopping em construção do outro lado da avenida', contou o padre Miguel Batista, da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, na Vila da Fábrica.' An image of the religious monument is shown on the left, with a caption: 'Monumento religioso é importante para os moradores da região e ponto de peregrinação. Foto: Brendo Alcântara'.

Fonte: Alcântara (2017).

Vale ressaltar que a gruta hoje está sob a administração da Igreja Católica e toda manutenção de preservação é acompanhada pela comunidade que recentemente se queixa, também, quanto ao fluxo de pessoas estranhas que têm aparecido no local. Eis mais um ponto de tensão do cotidiano, envolvendo as transformações que se instalam e o desejo de permanência de um importante símbolo do lugar. Como esse, outros casos de conflitos tendem a aumentar, à medida que novos objetos espaciais sejam instalados no território e a produção do espaço estabeleça a recriação de um “novo” lugar na Vila da Fábrica. Porém, como as nuvens de mudanças não são aceitas por todos e mesmo os que a aceitam, podem aceita-la apenas em parte, há sempre a possibilidade de também se fortalecerem as resistências. É desse jogo de interesses individuais e coletivos envolvendo desejos e necessidades que se dá o intrincado par dialético das transformações e permanências.

A propósito, as transformações mais citadas e sentidas por parte dos moradores quanto à chegada do Camará Shopping, tanto no âmbito positivo quanto no negativo, foram também registradas nos questionários, possibilitando a reflexão quanto ao explicitado em maior intensidade e frequência nas respostas, tal como se lê no quadro 2.

Quadro 2 – Aspectos positivos e negativos mais citados pelos entrevistados após a inauguração do Camará Shopping

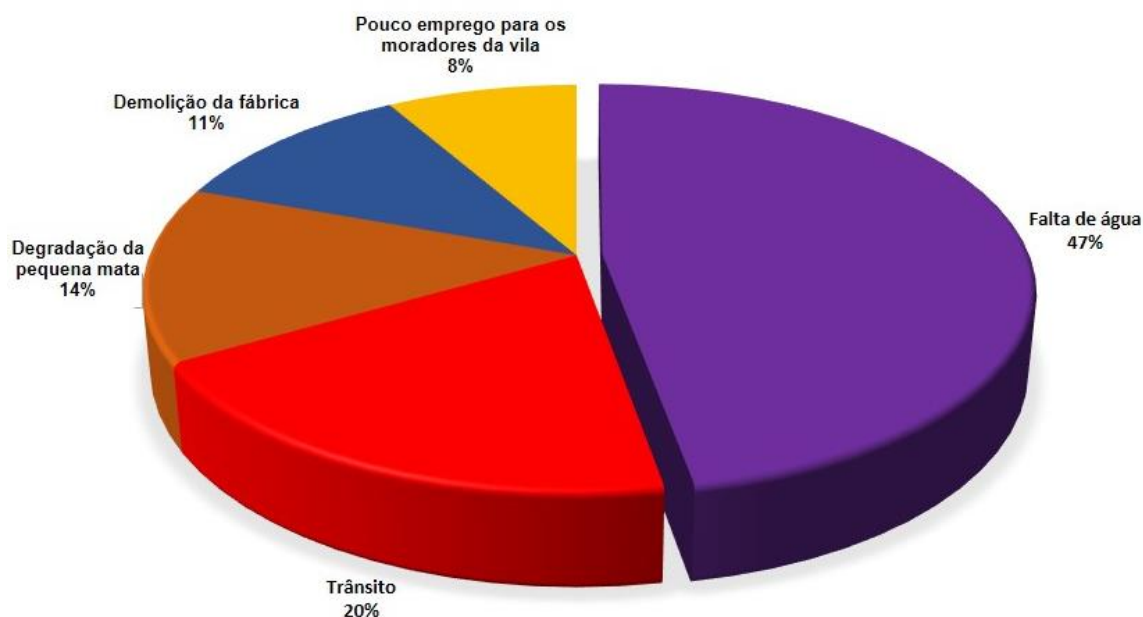
Aspectos	Positivo	Negativos
1º	Emprego para o município	Falta de água na Vila da Fábrica
2º	Lazer	Congestionamento de trânsito local
3º	Facilidades de compra e pagamentos	Degradação da pequena mata que existia por trás do shopping
4º	Mais arrecadação para o município	Demolição de parte da fábrica
5º	Mais valorização para o bairro da Vila da Fábrica	Pouco emprego para a comunidade local

Fonte: Pesquisa de campo, nov. 2019.

Nota-se que no conteúdo das respostas mais frequentes há dualidades. Não por acaso, a instalação do shopping é alvo de elogios e críticas, pois tanto gera percepções positivas, quanto negativas. Observa-se que as vantagens apontadas contemplam elementos relacionados a empregabilidade e ampliação do acesso a equipamentos de comércio e serviços, como ainda a possibilidade de ampliar a arrecadação de tributos pelo município. É ressaltada ainda a valorização imobiliária como algo positivo para o bairro. Para facilitar a visualização do que os moradores elegem como pontos negativos, o gráfico 3, a seguir, os apresenta em termos percentuais.



Gráfico 3 - Pontos negativos mais citados pelos moradores após a implantação do empreendimento do Camará Shopping



Fonte: Pesquisa de campo/nov. 2019.

Tal como se observa no quadro 3, entre os impactos negativos, nada menos que 47% dos moradores apontam o comprometimento do abastecimento d'água do bairro como o principal problema. Trata-se de algo bastante sintomático, pois a maior parte da cidade de Camaragibe enfrenta hoje tal problema e os moradores da Vila da Fábrica temem que isso se agrave com a demanda gerada pelo shopping. Outro problema visibilizado é o provável aumento dos congestionamentos, com 20% das respostas. Já a destruição de parte do patrimônio arquitetônico da fábrica e dos resquícios da Mata Atlântica foram apontados, respectivamente, por 11% e 8% dos moradores. Há, portanto, a percepção clara de que tal empreendimento traz impactos muito fortes para o cotidiano dos moradores da Vila da Fábrica.

Na verdade, até o presente, a fachada do prédio principal da fábrica, exibida na figura 6, está preservada e a área que era tida como sua recepção conta ainda com a presença da escadaria original. Tal equipamento é muito presente nos relatos dos moradores do lugar. A direção do shopping mantém sob sua responsabilidade toda a gestão dessa parte do edifício que ainda se encontra erguido e está localizada no terreno que faz parte das novas etapas do megaprojeto urbano Reserva Camará. A intenção do shopping é transformar esse espaço em museu, segundo relatos dos funcionários do centro de compras. Espera-se que a população se mantenha vigilante para que todo esse patrimônio seja não apenas mantido, como conservado e ao menos reutilizado para os novos fins.

A vista dessa parte da fábrica está do lado contrário à avenida principal, ficando visível apenas para quem tem acesso por trás do shopping. O empreendimento objetiva criar o museu para que seja possível nele inserir elementos que tratem da história da fundação da fábrica e da vila operária. Como é dito por uma das funcionárias do setor comercial do shopping: “o shopping é uma âncora, porque terão torres empresariais, residenciais, teatro, um museu sobre a história da fábrica, etc.” (ENTREVISTADO 6, set. 2019)<sup>18</sup>

Na coleta de dados foi possível constatar, nas respostas dos questionários da pesquisa, algumas respostas relacionadas à construção do megaprojeto urbano Reserva Camará. Os moradores revelaram principalmente as preocupações que estão voltadas ao aumento do trânsito e à falta d’água. O quadro 3, a seguir, exhibe por ordem de resposta essa realidade.

Quadro 3 - Percepção dos impactos pelos moradores quanto à implantação total do megaprojeto imobiliário

<b>Ordem de Respostas mais mencionadas</b>	<b>Respostas mais citadas quando indagados pelos possíveis pontos negativos com a implantação total da reserva</b>	<b>Quantidade de pessoas que deram a resposta relacionada</b>
<b>1<sup>a</sup></b>	Aumento de fluxo de veículo e piora no trânsito	14
<b>2<sup>a</sup></b>	Aumento de poluição	7
<b>3<sup>a</sup></b>	Destruição histórica de um patrimônio	5
<b>4<sup>a</sup></b>	Falta de água	3
<b>5<sup>a</sup></b>	Desmatamento	3
<b>6<sup>a</sup></b>	Aumento da população, aumento da insegurança	3
<b>7<sup>a</sup></b>	Talvez o projeto não acontecerá	2

Fonte: Pesquisa de campo, set. 2019.

Constata-se que as respostas dadas em relação aos possíveis impactos da implantação do megaprojeto como um todo não diferem muito das respostas referentes à implantação apenas do shopping. Vale frisar como elemento novo citado o possível aumento da insegurança ou ainda a dúvida se realmente o megaprojeto vai de fato ser todo implantado. Porém, merece destaque o fato de que o maior número de respostas se volte a preocupação com a mobilidade

<sup>18</sup> Funcionária setor comercial Camará Shopping. Trabalha desde a inauguração.

no bairro e seu entorno. De fato, como já dito, a mobilidade atual já é muito precária e poderá se agravar ainda mais com as transformações promovidas pela instalação do megaprojeto como um todo. É preciso destacar também que 54 entrevistados não responderam tal pergunta.

A área onde será construído o complexo deverá aproveitar toda a parte frontal do prédio da fábrica, que ainda está totalmente preservado. Os moradores aguardam pela concretização dessa proposta, pois se concretizada, o risco de demolição desse pedacinho, que ainda resta da história do lugar, será totalmente eliminado. Nesse caso, refletindo com Arrais (2017) sobre o cotidiano, é possível verificar que ele se revela em cada período histórico com maneiras e formas de apropriação diferenciadas e que isto se registra através dos objetos que ainda estão grifados na paisagem urbana.

Por sua vez, outra constatação da pesquisa é que o shopping foi edificado no terreno onde antes existia a olaria e parte da fábrica, contribuindo para uma alteração considerável na morfologia da paisagem local. O centro de compras ainda preservou a torre da chaminé da olaria e como já mencionado, faz uso da sirene em todo o começo do expediente diário. No passado a mesma sirene, condicionava o início da jornada de produção, em cada turno de trabalho, da indústria têxtil.

## 5 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Na pesquisa sobre as transformações e permanências do lugar, verificaram-se alguns descompassos referentes à produção do espaço e às relações estabelecidas pelos agentes em contexto, sejam eles os responsáveis pela implantação do shopping, sejam os moradores da Vila da Fábrica. Essa reprodução impõe novas determinações e revela processos mundializados que se traduzem na forma de como os lugares se adequam às necessidades do poder econômico. Assim, foi possível indicar alguns pontos percebidos no âmbito das práticas socioespaciais do lugar, que por ora não podem ser esgotadas, pois revelam novos e possíveis desafios de pesquisas futuras.

Nesta pesquisa, ficou evidenciado que o espaço da Vila da Fábrica quando habitado pelos operários e por alguns executivos da fábrica nos tempos passados se deparou com uma grande decadência quando a fábrica de tecidos encerrou suas atividades no ano de 2004, o que deixou esse fragmento espacial em relativo esquecimento por mais de uma década. Para aqueles que possuíam uma melhor condição financeira a mudança do bairro foi inevitável, já que as condições logísticas eram pontos considerados por esta classe. Ficaram na vila apenas aqueles que, como nos relata um dos moradores mais antigos, não tinham condições de buscar outras alternativas de moradias em outros lugares.

Foi diante da disponibilidade dessa área com forte representatividade histórica que novos agentes capitalistas produtores do espaço enxergaram possibilidades de outros usos, o que levou à instalação de um shopping center nesse lugar. Adicionados a esses motivos e também diante de uma perspectiva de crescimento de vendas no varejo, em maio 2018 ocorreu a inauguração do mais novo empreendimento da cidade, o Camará Shopping. Construído em parte do terreno onde funcionava a fábrica de tecidos. O equipamento traz com ele uma proposta significativa de transformações para a Vila da Fábrica, transformações essas, reforçadas pelos interesses de uma aliança formada por promotores imobiliários e o poder público local no que diz respeito à reprodução e à refuncionalização do espaço. Dentre as intenções estão aquelas geralmente voltadas a fomentar o processo de consumo que se ampara no capitalismo financeiro.

Ficou compreendido que no ano de 2004, com o fechamento da fábrica o desespero e a tristeza se concretizam e atinge toda a população da Vila. O encerramento das atividades fabris, mesmo após ser vendida para grupos estrangeiros que, sem sucesso, não conseguiram alavancar as atividades, deixou o lugar por mais de dez anos em quase total esquecimento. O impacto

sentido pelos moradores, quanto a costumes e usos desse espaço, atrelava-se a uma lógica que não mais existia, fazendo com que este espaço passasse de dinâmico para praticamente inerte, ainda que, na prática, nenhum espaço seja completamente inerte.

A análise das transformações ocorridas na Vila da Fábrica em Camaragibe, após a implantação do Camará Shopping, estabeleceu um desafio quando se referiu a um melhor entendimento do mundo atual e como este constitui as relações do homem com o espaço. Assim, a pesquisa teve como seu principal objetivo, analisar as transformações socioespaciais ocorridas na Vila da Fábrica após a implantação do Camará Shopping, bem como os impactos sentidos pelos moradores, após o início de suas atividades.

Neste cenário foi possível constatar que o sentimento de pertencer ao lugar é muito mais forte, entre as gerações mais velhas, justamente pelo vínculo histórico que esses moradores possuem com a vila e com o que ainda resta da fábrica, já que muitos deles habitam lá há décadas, sendo, inclusive, filhos e netos dos primeiros residentes, que eram operários da indústria têxtil.

Neste contexto, outra evidência do trabalho de pesquisa é que o Estado deixa prevalecer o interesse privado em detrimento aos interesses públicos, já que os modelos e os arranjos espaciais privilegiam uma classe de maior poder aquisitivo, visto que não homogeneiza uniformemente os acessos a todos os usuários do espaço, independente dos padrões e níveis de classe social. A exemplo disso, houve a ampliação de algumas linhas de ônibus para o bairro da Vila da Fábrica, que só foram executadas após o início da implantação do shopping, quando fazia anos que a comunidade pleiteava e solicitava tal necessidade ao poder público.

É possível concluir também, que as resistências estão presentes na maior parte das ações voltadas à preservação dos objetos ainda existentes na Vila da Fábrica, quando esses permanecem presentes no espaço pela sua força simbólica, mesmo após eventuais alterações físicas ou em sua forma de uso, a valorização dos moradores pela gruta da santa, já centenária, retrata claramente isso. Os fatos também foram constatados quando se refere a permanência e realização de alguns eventos mantidos pelos moradores que perduram desde a fundação da vila operária, como a festa natalina, a procissão no dia do padroeiro e os blocos de carnaval. Essas condutas, visivelmente percebidas nas etapas metodológicas da pesquisa, além das observações *in loco*, ficaram evidentes nos relatos dos moradores quando usaram os questionários para essas declarações e quando mencionaram nas entrevistas seus saberes e opiniões quanto a esses objetos e ações.

Por esse ângulo, é possível notar com clareza que antigas instalações fabris inseridas em regiões metropolitanas se tonam novas localizações atrativas para a realização de estratégias dos agentes hegemônicos da produção do espaço, particularmente dos promotores imobiliários com a participação do capital financeiro articulado ao poder do Estado, seja ele representado no âmbito municipal ou estadual. Vale destacar que a articulação do capital financeiro, juntamente com o apoio do poder público, promove a refuncionalização dos espaços que, tornado atraente para a inserção de outros objetos e novos moradores, transformam a paisagem local e a vida cotidiana dos habitantes já existentes no lugar.

Ficou também muito evidente através dos resultados da pesquisa que após as requalificações com a chegada do empreendimento âncora, o Camará Shopping, o espaço se tornou atrativo para o lazer exercendo uma centralidade de usos, onde moradores da Vila da Fábrica e de outras áreas da cidade de Camaragibe contribuem para estabelecer uma maior dinâmica de fluxos no bairro, seja de pessoas, veículos e até informações.

Com a intensificação desse uso, o Camará Shopping, está contribuindo para uma maior visibilidade do bairro diante da capital Recife e até mesmo de outros bairros no seu entorno como Aldeia, Várzea e Caxangá. Os residentes da Vila da Fábrica alegam que a maior facilidade gerada pela chegada do shopping ao bairro são, sem dúvida, as facilidades para executar compras, entretenimento e efetuar pagamentos diante da proximidade do equipamento com os moradores do lugar.

Percebe-se com isto que a pesquisa pode contribuir para novos campos de investigações já que as perspectivas de mudanças e alterações nesse espaço se farão presentes diante da construção do robusto megaprojeto Reserva Camará. O complexo de edifícios projetados poderá resultar, ainda mais, num cenário de transformações do lugar, o que justificará, num futuro próximo, a necessidade de se fazer uma maior e mais ampla análise das transformações socioespaciais neste lugar pesquisado. Constatou-se assim, que esta pesquisa visou apontar, nesse momento, aspectos relevantes das permanências e transformações básicas ocorridas na Vila da Fábrica após a implementação do Camará Shopping e como essas ações de conservação e alteração impactam tanto no contexto histórico como no cotidiano do bairro e quiçá do município.

Conforme analisado aqui, evidenciou-se que a chegada do novo é, encarado por muitos moradores como algo bastante positivo, mas, ao mesmo tempo, oferece riscos à preservação dos elementos materiais e imateriais que compõem o patrimônio coletivo do lugar. Os ventos modernizantes parecem reforçar entre uma parte dos moradores a ressignificação dos laços

afetivos e de sentimento de pertencimento com a Vila da Fábrica, mesmo que uma outra parcela de pessoas demonstre preocupações quanto às perspectivas futuras de permanecerem, ou não no bairro após a intensificação da nova dinâmica urbana. Fica claro na pesquisa que o lugar e sua trajetória têm contextos que auxiliam na perspectiva para se pensar o uso, o consumo e os processos de apropriação que ocorrem ao longo do tempo, sendo esses processos, materializados em si, no movimento da vida de seus usuários, e sendo ainda esses movimentos os responsáveis por animar e dar propriedade a cada espaço ao longo do tempo.

A partir dos capítulos trabalhados é possível concluir também que as novas formas de uso e apropriação do espaço urbano, promovidos pelos agentes imobiliário e acobertados pelo poder público podem elencar, de forma significativa, a mercantilização do lugar. Diante disso as casas da parte frontal da vila já passam a ser oferecidas com preços diferenciados, quando se leva em consideração a posição geográfica com relação à facilidade de acesso ao Camará Shopping, coisa que não ocorria antes da instalação do equipamento.

Com a pesquisa também foi possível constatar que uma pequena ampliação nas linhas itinerárias de veículos coletivos também acarretou numa maior visibilidade do bairro, vez que o aumento de circulação de pessoas advindas de outros lugares para frequentar o shopping já é uma realidade. A intensificação desses processos de fluxo estabelece um novo quadro de relações com o espaço e certamente modifica, com o passar do tempo, as formas de ver e viver no lugar, gerando possibilidades de novas adequações dos usuários com este espaço.

Há também de se considerar, nesta etapa de conclusões, que as transformações já sentidas pela população quanto à rotina diária, está diretamente atrelada ao uso do novo equipamento. Por outro lado, ficou evidenciado que há uma preocupação considerável, por parte dos moradores quanto até onde vai o interesse do empreendimento em manter conservados parte dos monumentos arquitetônicos ainda existentes no lugar desde sua fundação.

Finalizando com a perspectiva da construção de todo o megaprojeto urbano Reserva Camará, pôde-se reconhecer, assim, que já existem ações intencionais e articuladas para atrair um público externo a essa nova proposta imobiliária que está projetada para ser instalada nesse espaço. O logotipo do complexo multiuso, exposto na página virtual do empreendimento, foi elaborado para representar o conjunto de subprodutos a serem oferecidos aos futuros moradores do lugar, servindo este, de ferramenta para atrair a clientela desejada, sendo o espaço assim, concebido como mercadoria, o que, inevitavelmente já nos conduz à seguinte reflexão: até que ponto as transformações respeitarão as marcas e os sentimentos gestados ao longo do tempo no lugar aqui estudado?

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Silvana Maria Brandão de; LIMA, Lúcio Renato Mota. A fábrica de tecidos de Camaragibe e sua organização cristã do trabalho. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**, Recife, v. 01, n. 1, p. 160-195, 2012.

ALCÂNTARA, Breno. **Boato muda a rotina na Vila da Fábrica, em Camaragibe. Folha PE**. Disponível: <https://www.folhape.com.br/noticias/noticias/cotidiano/2017/08/04.aspx>. Acessado em: 21 nov. 2019.

ARRAIS, Tadeu Alencar. **Seis modos de ver a cidade**. Goiás: Cãnone, 2017.

BARBOSA, Adauto Gomes. **Exclusivismo socioespacial na Região Metropolitana do Recife**: produção do espaço e governança do Complexo Imobiliário, Residencial e de Serviços Reserva do Paiva. 2014. (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

COLLIER, Eduardo. **Carlos Alberto de Menezes**: pioneirismo sindical e cristianismo. Recife: Digital Graph, 1996.

FUNDAJ. **Acervo de fotos de Camaragibe**. Recife – PE, 2019.

FUNDAÇÃO DE CULTURA DE CAMARAGIBE. **Acervo de fotos da vila operária**. Camaragibe – PE, 2019

GUERRA, Marta de Araújo. **Camaragibe, retalhos de uma história**. Recife: Livro Rápido, 2007.



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Panorama**. 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/camaragibe/panorama>. Acesso em: 11 nov. 2019.

LEMOS, João Ribeiro de. **Camaragibe: suas raízes e sua história**. Camaragibe: CCS Gráfica e Editora, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PADUA, Rafael Faleiros de. Produção estratégica do espaço e os “novos produtos imobiliários”. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri et al. (org.). **A cidade como negócio**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 145-163.

PADUA, Rafael Faleiros de. **Produção e consumo do lugar: espaços de desindustrialização na reprodução da metrópole**. 2011. 295 f. (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04072012-132838/pt-br.php>. Acesso em: 03 out. 2019.

PENAROL BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CAMARAGIBE. **Acervo de fotos Vila da Fábrica**. Camaragibe – PE, 2019.

RAFAEL, Larissa Monteiro. **Representações espaciais da biodiversidade da Mata Atlântica por jovens de Camaragibe, Pernambuco**. 2011. 114 f. (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2014.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: EDUSP: 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

TOLEDO, Marcos. Boato muda rotina na Vila da Fábrica, em Camaragibe. **Folha de Pernambuco**, recife, 4 ago. 2017. Disponível em:

<https://folhape.com.br/noticias/noticias/cotidiano/2017/08/04/NWS,36815,70,449,NOTICIAS,2190-BOATO-MUDA-ROTINA-VILA-FABRICA-CAMARAGIBE.aspx>. Acesso em: 11 nov. 2019.

VILA DA FÁBRICA: mapa de localização. Camaragibe. Pernambuco: Souza, 2019. Datum SIRGAS 2000. Escala: 1:100.000.